

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA

**FEITOSA BENTO DE FIGUEIREDO**

**ELEMENTOS DA CULTURA POPULAR MARANHENSE NA FORMAÇÃO DO  
BIBLIOTECÁRIO: o simbolismo do bumba meu boi**

São Luís - MA

2018

**FEITOSA BENTO DE FIGUEIREDO**

**ELEMENTOS DA CULTURA POPULAR MARANHENSE NA FORMAÇÃO DO  
BIBLIOTECÁRIO: o simbolismo do bumba meu boi**

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valdirene Pereira da Conceição

São Luís - MA

2018

**FEITOSA BENTO DE FIGUEIREDO**

**ELEMENTOS DA CULTURA POPULAR MARANHENSE NA FORMAÇÃO DO  
BIBLIOTECÁRIO: o simbolismo do bumba meu boi**

Monografia apresentada ao Curso de  
Biblioteconomia da Universidade Federal do  
Maranhão - UFMA, para obtenção do grau de  
Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valdirene Pereira da Conceição** (Orientadora)

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa

Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francilene do Carmo Cardoso**

Doutora em Serviço Social

Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof.<sup>a</sup> Msa. Márcia Cordeiro Costa**

Mestra em Educação

Universidade Federal do Maranhão

A todos que contribuíram para a realização deste sonho. Vocês são os verdadeiros responsáveis e por essa razão lhes expresse a minha imensa gratidão e amor.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu energia e benefícios para realizar esse sonho.

Aos meus pais, Zezé Bento e Mariquinha, luz da minha vida, e meus irmãos Ilda e Felisberto (todos *in memoriam*).

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valdirene Pereira da Conceição, pelo suporte, pelas suas correções, incentivos e amizade.

Aos meus irmãos, sobrinhos e familiares que com seu apoio e incentivo contribuíram para esta minha conquista.

Aos professores, funcionários e gestores do Curso de Biblioteconomia da UFMA pela contribuição para o enriquecimento grandioso do meu aprendizado.

À banca examinadora, por contribuir, considerar, avaliar, corrigir essa monografia e fazer parte desse momento ímpar da minha vida.

Aos poetas populares, cordelistas, violeiros, cantadores de boi, contadores de causos e ao vaqueiro nordestino, contribuintes inestimáveis para despertar o meu senso crítico e enriquecer a minha visão de mundo.

Agradeço de modo especial todos os colegas da turma 2012.1, principalmente Janaílton, Aderlou, Markelly, Amaury, Rayanne, Mirna, Elisa, Eliel, Willian, Erinete, Adson, Ríulla, Girlenice, Laíse, pela nossa convivência enriquecedora, apoio e amizade construída no decorrer do curso.

Às demais pessoas que de alguma forma me ajudaram nesta caminhada.

Muito obrigado!

E que nunca percamos a sensibilidade, principalmente com os mais humildes!

“Todos os seres e todas as coisas são constituídas de uma mesma essência, embora pareçam diferentes segundo as formas que tomam, em consequência das influências que recebem. Como se formam, agem, e como agem, são. [...] Não há diferenças no barro empregado. A diferença está no modelo dado pelo oleiro, segundo os diversos usos requeridos pelas circunstâncias [...]”.

(Buda)

## RESUMO

Estudo sobre elementos da cultura popular na formação do bibliotecário. Trata-se de uma pesquisa exploratória de natureza descritiva que tem como objetivo analisar o potencial simbólico e informacional do bumba meu boi enquanto unidade de sentido necessária ao processo de formação do bibliotecário na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Como também, caracterizar o modo de saber e fazer do bumba meu boi e seus aspectos simbólicos no Estado do Maranhão; identificar os elementos do bumba meu boi que podem ser trabalhado nas disciplinas do Curso de Biblioteconomia da UFMA e, destacar as suas implicações para a práxis bibliotecária. Adota-se como base para a revisão de literatura os estudos de Laplantine (2003), Foucault (2005), Hall (2011), Domingues (2011), Cardoso (2016) e pesquisa documental, por meio de consulta a relatórios e dossiês do IPHAN. Aborda-se a diversidade cultural existente no Brasil e no Maranhão, destacando a cultura erudita socialmente concebida como aquela pautada em uma produção mais elaborada, de cunho acadêmico e educacional, que exige de seus autores mais rigor na elaboração e é consumida essencialmente pela elite cultural e econômica de uma minoria da sociedade, bem como, a cultura popular, socialmente compreendida como resultado de uma produção menos elaborada, resultante da interação e das memórias experienciais comuns, oriunda das camadas mais baixas da sociedade, que permanece subjugada. Discorre-se sobre o bumba meu boi como principal elemento da cultura popular local, seu histórico, simbolismo e aspectos socioculturais. Trata-se das aproximações necessárias entre elementos dessa manifestação cultural e a formação do bibliotecário, pontuando sobre habilidades e atuação deste profissional. Apresenta-se como resultado que as disciplinas que compõem a estrutura curricular do Curso, em suas ementas, não pontuam essa temática, notadamente a disciplina Antropologia, o que demonstra, por este aspecto, que o ensino de Biblioteconomia na UFMA não contempla ainda uma abordagem sobre a temática cultura popular que consubstancie uma formação mais adequada ao bibliotecário neste ambiente multicultural.

**Palavras-chave:** Bumba meu boi. Cultura popular e currículo. Cultura popular e erudita. Currículo e formação do bibliotecário.

## ABSTRACT

Study of elements of popular culture in the formation of the librarian. This is an exploratory research of a descriptive nature that aims to analyze the symbolic and informational potential of bumba my ox as a necessary unit of the librarian training process at the Federal University of Maranhão (UFMA). As well, to characterize the way of knowing and making of the bumba my ox and its symbolic aspects in the State of Maranhão; identify the elements of my bumba boi that can be worked in the disciplines of the Library Course of UFMA and highlight their implications for the praxis librarian. The studies of Laplantine (2003), Foucault (2005), Hall (2011), Domingues (2011), Cardoso (2016) and documentary research, through consultation of reports and dossiers of the IPHAN. It addresses the cultural diversity existing in Brazil and Maranhão, highlighting the erudite culture socially conceived as that based on a more elaborate production, academic and educational, that requires of its authors more rigor in the elaboration and is consumed essentially by the cultural elite and economic development of a minority of society, as well as popular culture, socially understood as the result of a less elaborate production resulting from interaction and common experiential memories from the lower strata of society which remains subjugated. My ox is bumba as the main element of local popular culture, its history, symbolism and sociocultural aspects. These are the necessary approximations between elements of this cultural manifestation and the formation of the librarian, punctuating about the skills and performance of this professional. As a result, the disciplines that compose the curricular structure of the Course in its menus do not point to this subject, notably the Anthropology discipline, which demonstrates, for this reason, that the teaching of Library Science at UFMA does not yet contemplate an approach on the theme of popular culture that will provide a more adequate training for the librarian in this multicultural environment.

**Keywords:** Bumba my ox. Popular culture and curriculum. Popular and erudite culture. Curriculum and training of the librarian.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Desdobramento do campo antropológico .....	17
Figura 2	Poeta Patativa do Assaré .....	21
Figura 3	Símbolo do bumba meu boi – o boi .....	26
Figura 4	Bumba meu boi sotaque de zabumba .....	32
Figura 5	Bumba meu boi sotaque de matraca .....	33
Figura 6	Bumba meu boi sotaque de orquestra .....	33
Figura 7	Bumba meu boi sotaque de costa de mão.....	34
Figura 8	Bumba meu boi sotaque da baixada .....	34
Figura 9	Batizado do bumba meu boi de Maracanã .....	35
Figura 10	Boi de Maracanã: louvação na Capela de São Pedro .....	56

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Quantidade de grupos de bumba meu boi no Maranhão.....	28
Quadro 2	Cantadores e estrofes de toadas de bumba meu boi .....	41
Quadro 3	Estrutura Curricular Atual do Curso de Biblioteconomia da UFMA .....	43
Quadro 4	Cultura popular e o bumba meu boi como objeto de estudo.....	50
Quadro 5	Programa da disciplina Antropologia .....	54

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	- Biblioteca de Teses e Dissertações
IBICT	- Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia
IPHAN	- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PPP	- Projeto Político Pedagógico
UFMA	- Universidade Federal do Maranhão
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
PUC	- Pontifícia Universidade Católica
UnB	- Universidade de Brasília
UNESP	- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
USP	- Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
2	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE CULTURA POPULAR E CULTURA ERUDITA</b> .....	16
3	<b>O BUMBA MEU BOI COMO SÍMBOLO DA CULTURA POPULAR MARANHENSE</b> .....	26
3.1	<b>Bumba meu boi: modo de saber e fazer</b> .....	31
3.2	<b>Simbolismos do bumba meu boi</b> .....	37
4	<b>BUMBA MEU BOI E CURRÍCULO: aproximações necessárias</b> .....	43
4.1	<b>Atuação e formação do bibliotecário</b> .....	47
4.2	<b>O bumba meu boi como objeto de estudo e informação</b> .....	50
4.3	<b>Aspectos socioculturais do bumba meu boi na <i>práxis</i> bibliotecária ...</b>	54
5	<b>CONCLUSÃO</b> .....	58
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	61
	<b>APÊNDICE - DISCIPLINAS NO CURRÍCULO DE BIBLIOTECONOMIA QUE TRATAM SOBRE CULTURA</b> .....	65
	<b>ANEXO - EIXOS/NÚCLEOS/DISCIPLINAS/CARGA HORÁRIA</b> .....	66

## 1 INTRODUÇÃO

Não foi espanto foi pura emoção, uma sensação gostosa de pertencimento! Era uma noite do mês de junho de 1985, e eu, que havia chegado ao Estado do Maranhão, há pouco tempo, oriundo do Sertão Cearense, assisti pela primeira vez a um arraial junino maranhense na cidade de Viana e me encantei com o cordão do Boi de Pindaré, do mestre Coxinho, fiel representante do bumba meu boi do Maranhão do sotaque da baixada da região de Pindaré.

Foi um reencontro com elementos que externam minha identidade cultural, na sua porção campesina, que, mesmo expressos em um ambiente físico-geográfico com função e simbologia cultural diferente dos símbolos do meu Estado, o Ceará, me fizeram absorver o sentido e a linguagem ali expressa pelos meus semelhantes naquele segmento representativo da cultura popular local.

Desta maneira, este cenário nos remete aos pressupostos de que a ciência já esclarece, ou seja: que o indivíduo constrói e carrega consigo vários elementos culturais que são absorvidos no seu ambiente natural e em outros ambientes aos quais ele vai se agregando no decorrer da sua vida e que lhe dá pertencimento e o identifica no contato social com outros indivíduos.

A cultura popular brasileira é diversa, rica, e imensamente cultuada em todos os estados desse imenso Brasil, pois representa características regionalizadas do nosso povo. No Nordeste, o cenário não é diferente, onde ela se expressa sobre diversos aspectos, ou no simbolismo da arte cerâmica do eterno mestre Vitalino de Caruaru, ou nos versos do poeta Patativa do Assaré, ou na música de Luiz Gonzaga, ou no aboio do Vaqueiro, ou no repente da viola, mote e canções de Pedro Bandeira e Ivanildo Vilanova, ou nas toadas de bumba meu boi do Maranhão dos saudosos, Coxinho, Donato, Humberto, João Chiador e dos atuais Chagas, Lobato e Ribinha, dentre tantos outros.

Nela o saber popular se exprime, ora na música, ora na arte, na toada do boi, na poesia do cordel ou nos demais segmentos por ela envolvidos. Assim, ao vivenciar a cultura popular, o indivíduo também se enxerga e identifica o perfil de um mundo real e isto contribui para moldar-lhe o senso crítico e constituir-lhe a percepção de realidade e conhecimento do mundo e poder confrontá-la à realidade do seu próprio ambiente.

A Biblioteconomia exerce um papel de destaque no estímulo da

transformação social baseado no perfil contemporâneo de sociedade e, o bibliotecário como agente transformador, cumpre compreender os diversos modos de se vivenciar a cultura e o processo de produção, circulação e consumo da informação e do conhecimento, analisando as competências, os obstáculos vinculados à difusão da cultura entre os diversos segmentos e elencando as habilidades necessárias para o exercício da cidadania com eficiência e com estímulos para a vivência cultural.

Considerando-se o contexto desta pesquisa, realizam-se os seguintes questionamentos: Até que ponto o bumba meu boi é trabalhado enquanto símbolo da cultura popular e recurso informacional no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)? Como o domínio bumba meu boi pode contribuir para a aproximação entre a cultura popular e o Curso de Biblioteconomia da UFMA e quais os elementos do bumba meu boi que podem ser trabalhados nas diversas disciplinas do Curso de Biblioteconomia na UFMA?

Neste sentido, esta pesquisa teve como objetivo analisar o potencial simbólico e informacional do bumba meu boi enquanto unidade de sentido necessária ao processo de formação do bibliotecário na UFMA. Como também, caracterizar o modo de saber e fazer do bumba meu boi e seus aspectos simbólicos no Estado do Maranhão; identificar os elementos do bumba meu boi que podem ser trabalhado nas disciplinas do Curso de Biblioteconomia da UFMA e, destacar as suas implicações para a práxis bibliotecária. A escolha da temática desta pesquisa nasceu da minha inquietação pessoal que se tornou um paradigma, ou seja: a não compreensão e aceitação do fato que, no processo de formação do conhecimento, não se considera ou mesmo desqualifica-se o saber elaborado que se expressa nos diversos segmentos da cultura popular e que no contato diário o indivíduo absorve, o qual contribui para a sua leitura de mundo e sua afirmação como sujeito social.

A metodologia utilizada para desenvolver este trabalho tomou como base a pesquisa exploratória de natureza descritiva, a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica. A pesquisa exploratória segundo Freitas e Prodanov (2013, p. 51-52), “[...] tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar [...]” e desse modo, consideram que a mesma “[...] possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos”.

Ainda segundo Freitas e Prodanov (2013, p.52), “[...] nas pesquisas descritivas, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e

interpretados sem que o pesquisador interfira sobre eles”. Esclarecem que, por este modo, “[...] os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador” (FREITAS; PRODANOV, 2013, p.52).

Quanto à pesquisa bibliográfica, diz Gil (2002, p. 44), que é aquela “[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]” e que ainda segundo ele, tem a vantagem de “[...] permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente [...]” (GIL, 2002, p. 45).

No que tange à pesquisa documental, para Ludke e André (1986, p.38), esta se “[...] constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Importa ressaltar que, na pesquisa qualitativa, segundo considera Farias (2014, p.113), ela:

[...] preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado; ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Desse modo, a pesquisa foi pautada na utilização de artigos científicos, livros (HALL, 2011; LAPLANTINE, 2003; FOUCAULT, 2005), Teses e dissertações (BDTD, 2005-2016), visitas *in loco* e acesso a acervos físicos e/ou virtuais do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, Museu da Imagem e Som, Museu Histórico e Artístico do Maranhão, Casa do Maranhão, Arquivo Público do Estado do Maranhão, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); materiais acadêmicos disponíveis na Biblioteca Central da UFMA, Biblioteca Virtual de Teses e Dissertações do IBICT, Biblioteca Ferreira Gullar do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho e Biblioteca Benedito Leite, dentre outros instrumentos que abordassem a temática do bumba meu boi, a formação curricular e atuação do bibliotecário.

Assim, esta monografia foi dividida em seções, abordando de maneira ordenada o que se segue: a primeira seção trata da motivação que conduziu ao tema e as indagações que remetem ao problema. A segunda aborda a cultura popular como elemento que integra o processo de emancipação do sujeito. A terceira, o bumba meu boi como elemento simbólico da cultura popular do Maranhão. A quarta aponta as evidências da dimensão cultural e informacional do

bumba meu boi enquanto elemento agregador para o processo de formação do bibliotecário na UFMA. Por fim, a quinta seção apresenta a conclusão sobre o tema proposto, bem como os possíveis desdobramentos para novos estudos e pesquisas.

## 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE CULTURA POPULAR E CULTURA ERUDITA

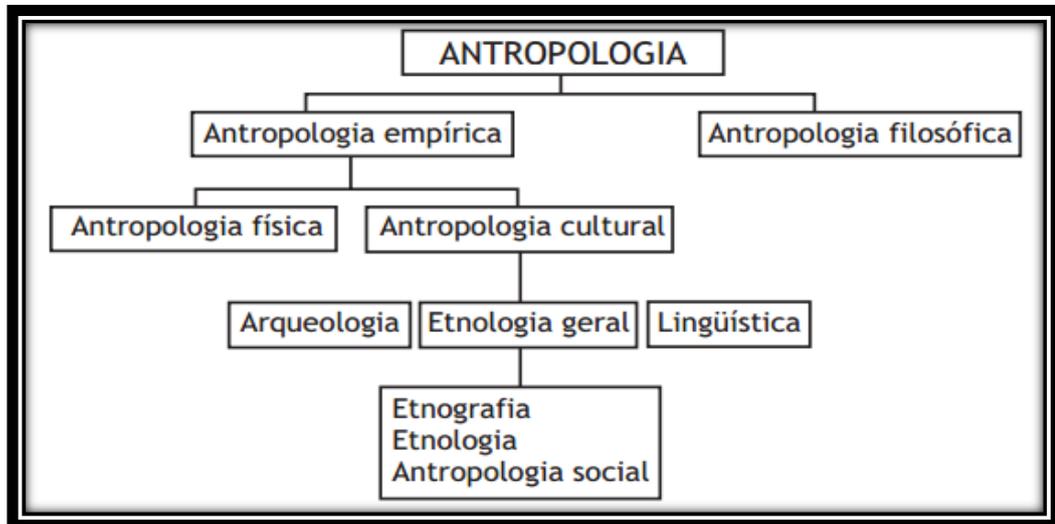
A cultura por si só já expõe a complexidade de definição e limite filosófico, ocasionados pelas implicitudes que existem nas relações que envolvem pessoas, sua ação em grupos e na sociedade, cujo aspecto social é exclusivamente humano. Para estudá-la é preciso sobrepor lapsos temporais e históricos além de buscar formas elementares que caracterizam um indivíduo em determinado grupo, independentemente de sua fase histórica. Por exemplo, um sertanejo não deixa de ser o que ele é simplesmente por viver em uma cidade grande, que aos poucos sitiou seu habitat natural ou para onde ele foi obrigado a migrar. As suas crenças, seus valores e hábitos fundamentam-se no aprendizado histórico que se vai acumulando por toda sua trajetória e que o identifica e o caracteriza com determinados grupos humanos nas suas práticas e comportamentos. E como já afirma Souza (2010, p. 4), “[...] a cultura em si é simbólica, pois são os símbolos que constituem uma nação, um grupo e fazem com que os povos sejam únicos em cada período da sua história”.

Ao tratar sobre a temática “cultura”, alguns problemas conceituais são levantados já que uma definição exata deste termo ainda é muito discutida haja vista as diversas compreensões e possibilidades de culturas existentes no mundo. A contextualização de sentido deste termo considera algumas características pertinentes à atividade humana e à transmissão de conhecimentos apreendidos na vida cotidiana, ressaltando que a construção do perfil de uma comunidade poderá ser considerada como uma eterna e profunda exploração da construção participativa de todos os membros, podendo continuamente receber contribuições pela prática coletiva da sociedade. Neste aspecto, é importante destacar a Antropologia e sua função enquanto ciência, para que se possa compreender melhor o sentido de cultura, seus conceitos, raízes e diretrizes e, conseqüentemente entender a significação da prática do bumba meu boi e o exercício da função do bibliotecário.

Quanto à Antropologia, seu termo etimológico *Anthropos* deriva do grego e significa “estudo do homem” ou “ciência do homem”. É pautada como uma ciência que estuda o homem em sua especificidade e discute todos os comportamentos e as práticas que o caracteriza no grupo ao qual está inserido. Possui diversas ramificações, já que o estudo do homem não envolve apenas aspectos culturais, mas físicos, biológicos, linguísticos, etc. E para uma maior compreensão, podemos

observar com base na figura 1 a concepção do campo antropológico e suas ramificações.

**Figura 1 - Desdobramento do campo antropológico**



Fonte: Barrio (2005, p. 22).

Assim, todas essas ramificações da Antropologia expressas na figura 1 se debruçam sobre o estudo do homem individualmente ou em grupo, com o objetivo de analisar *a priori* aquilo que o identifica como indivíduo e como isso implica nas relações socioculturais em que ele se insere. Seguindo este raciocínio podemos afirmar que a Antropologia Cultural, como uma subárea desta ciência, se beneficia de elementos históricos, linguísticos, simbólicos, etc., pois conforme Laplantine (2003, p. 97):

A Antropologia Cultural estuda os caracteres distintivos das condutas dos seres humanos pertencendo a uma mesma cultura, considerada como uma totalidade irreduzível à outra. Atenta às discontinuidades (temporais, mas sobretudo espaciais), salienta a originalidade de tudo que devemos à sociedade à qual pertencemos.

Desse modo, a Antropologia Cultural surge como a ciência que viabiliza as considerações sobre cultura no aspecto da conduta humana onde, Laplantine (2003, p. 11) esclarece ainda que apesar da mesma ser apenas um dos aspectos da Antropologia, sua abrangência é considerável, pois seu foco:

[...] diz respeito a tudo que constitui uma sociedade: seus modos de produção econômica, suas técnicas, sua organização política e jurídica, seus sistemas de parentesco, seus sistemas de conhecimento, suas crenças religiosas, sua língua, sua psicologia, suas criações artísticas.

Assim, a Antropologia Cultural está voltada para identificar os caracteres distintivos relacionados às condutas dos indivíduos, sendo a pesquisa das informações feitas por meio de observações diretas dos comportamentos da comunidade na sua totalidade, valorizando os aspectos sociais, a evolução histórica e demais contribuições nos aspectos de difusão, interação e aculturação. O antropólogo cultural exerce a função de ser um agente de transformação da sociedade reunindo todas as obras elaboradas pelo homem que permita alcançar uma visão do futuro relacionando-o com o presente.

A *priori* não é observado no contexto científico e acadêmico um consenso acerca do conceito de cultura, por não ser uma tarefa fácil definir uma ação de cunho simbólico com aspectos religiosos e tribais, o que se entende por cultura, pois a sinergia que envolve a prática social carrega valores, padrões e significações próprias. Denota-se, portanto, que a noção de cultura resulta da análise e interpretação de inúmeras formas e processos interativos que historicamente foram desenvolvidas por diferentes sistemas sociais, através dos quais os indivíduos em sociedade se relacionam entre si e, se apresenta como uma reunião de costumes, tal como acontece na cultura popular.

É possível, porém, resgatar algumas noções sobre a forma de se compreender cultura desde algum tempo atrás. O entendimento por cultura no período moderno baseia-se no ato de cultivar, sendo empregado até hoje na área da agricultura, como por exemplo, o cultivo de soja ou cultura de hortaliças. Se nos debruçarmos sobre uma ótica iluminista, os termos *cultura* e *civilização* ganham outro significado, pois estão interligadas ao desenvolvimento do indivíduo nos aspectos de refinamento e maior busca de conhecimento científico. Já sob uma perspectiva funcionalista, vale ressaltar que:

[...] a cultura consiste no conjunto integral dos Instrumentos e bens de consumo, nos códigos constitucionais dos vários grupos da sociedade, nas ideias e artes, nas crenças e costumes humanos. Quer consideremos uma cultura muito simples ou primitiva, quer uma cultura extremamente complexa e desenvolvida, confrontamo-nos com um vasto dispositivo, em parte material e em parte espiritual, que possibilita ao homem fazer face aos problemas concretos e específicos que se lhe deparam (MALINOWSKI 2009, apud PORTO, 2011, p.95).

No entanto, quando a palavra cultura começou a ser relacionada a produtos intelectuais, artísticos e espirituais, seu sentido foi notadamente empregado de forma estereotipada para enaltecer indivíduos de cultura conhecida como erudita, e

essa noção de cultura sempre penetrou nos aparelhos culturais, notados como lugares de pessoas cultas e eruditas, em detrimento dos chamados não cultos.

No Brasil, pelos relatos bibliográficos, os primeiros registros culturais ocorreram na segunda metade do século XVI, quando os jesuítas começaram a atuar na educação do povo residente no país e, assim como procediam em outras colônias ibéricas, possuíam aqui a missão de instruir o não culto, introduzindo a cultura estrangeira e seu refinamento tanto nos costumes como no modo de pensar. Onde conforme relata Ferreira Jr. (2007, p. 10):

[...] durante o tempo em que permaneceram nas colônias ibéricas, os padres inicianos executaram duas missões que estavam organicamente relacionadas entre si: de um lado, processaram a evangelização dos ditos "gentios", em regra por meio de ações violentas físicas e simbólicas; e, por outro, chancelaram os modelos colonizadores levados a cabo por portugueses e espanhóis, isto é, participaram ativamente do sistema econômico estruturado com base na grande plantação (latifúndio, agropecuária e trabalho escravo). Entretanto, a evangelização jesuítica produziu os seus frutos religiosos e culturais, já que o imenso território latino-americano, do México à Patagônia, professa hoje a fé católica apostólica romana, de forma quase hegemônica, graças à missão evangelizadora empreendida pela Companhia de Jesus e as outras ordens religiosas.

Essa instrução aos gentios nas colônias era imposta porque as manifestações culturais, encontradas nesses locais, contrapunham-se ao conceito de civilização e cultura da época, onde os estudos de pessoas abastadas feitos no exterior e a importação do pensamento europeu, sempre marcaram e determinaram a visão cultural das colônias das quais o Brasil fazia parte. E, nesse aspecto, principalmente no Brasil, os resquícios dessa filosofia cultural nos dias atuais, onde o diferente ou estranho ainda causa desconforto, pois não parece adequar-se aos padrões legitimados e historicamente impostos.

Dessa relação de um poder dominante, que se exerce sobre um ser dominado, além das imperações contextuais e culturais é que a identidade de um sujeito, segundo Hall (2011), sofre vários deslocamentos e mutações ao longo da sua vida, haja vista que o sujeito acaba por interagir com diferentes sistemas culturais. O modo de se pensar em uma identidade natural e outra modelada pelas interações externas corresponde a períodos históricos da formação do pensamento científico.

O Iluminismo é reconhecido pela base filosófica, pautada pela concepção de um ser humano centrado dotado de capacidade e razão cujo núcleo emergia a partir

do seu nascimento e permanecia praticamente o mesmo em toda sua vida. Por isso esta relação com uma identidade essência que o sujeito não poderia alterar, pois, seria a essência que definiria o sujeito enquanto ser, quem o tornaria único.

Já por uma visão sociológica, conforme Hall (2011, p.11), se reflete a “[...] consciência de que este núcleo interior do sujeito não é autônomo e autossuficiente, mas formado na relação com outras pessoas importantes para ele”. Ou seja: a identidade do indivíduo possui características comuns relacionados a “valores, sentidos e símbolos” que se relacionam a idioma, cultura, renda *per capita*, entre outros fatores, que delimitam a identificação com um grupo de indivíduos que comungam da mesma situação. Nesse aspecto, as relações em grupos ou comunidades, as ações culturais e históricas são fatores diferenciadores, prevalecendo suas manifestações como símbolo de autoafirmação de sua existência.

Seguindo a História, a época da Pós-modernidade expõe, conforme aborda Hall (2011, p. 9), uma verdadeira crise de identidade influenciando intensas transformações que alteram o ciclo cultural, onde se compreende que as diferentes manifestações culturais podem deslocar as identidades de um sujeito para um leque de opções, isto é, ora se identifica com a cultura popular e em outro momento possui mais ligação com a cultura erudita, o que nos remete à expressão diversidade cultural, que é utilizada em vários meios de comunicação. Porém, aquilo que foge dos padrões culturais tradicionais parece estranho e muitas vezes incompreendido. Por exemplo, a cultura cabocla, campesina, ribeirinha indígena e sertaneja carregam estereótipos que são gerados pela própria mídia que, de uma forma ou de outra, reforçam categorias culturais no meio dessa diversidade.

A cultura popular, também chamada antigamente de folclore, foi conceituada no século XX motivada por razões epistemológicas. O termo *popular*, inicialmente permeia uma visão de algo relacionado às camadas mais baixas da sociedade. Já no sentido econômico está relacionado ao sucesso ou aceitação comum de algo. Esta concepção traz consigo diversas definições nos mais variados contextos e tempos históricos. E o termo cultura, ligado a sentidos eruditos ou clássicos, correspondente à literatura, música e artes. Posteriormente, o termo “popular” foi ligado ao sentido de folclore, trazendo simbolismos tradicionais comuns e religiosos, como forma de afirmação. Aqui, os aparelhos culturais no percurso da História sempre reforçaram o conceito de estratificação social percebido pela noção de

civilização e cultura. Isto determinou o que era cultura e quem tinha direito a cultura, onde o simples ato de falar bem em público sobre assuntos atuais e dinâmicos era entendido como uma qualidade cultural e, de certo modo, essa compreensão ainda se afirma. Assim, sobre a cultura popular, Domingues (2011, p. 2) afirma que:

No folclore foi destacada a limitação das manifestações culturais advindas das camadas sociais pobres em comparação com aquelas com maior poder aquisitivo. No século XIX, a população da zona rural teve difundido sua produção cultural classificada como pura e natural. Essa idealização serviu de alicerce para o início de muitas pesquisas folclóricas que se dedicaram em descobrir uma cultura considerada pelos estudiosos como primitiva. Segundo alguns estudiosos da época, as manifestações folclóricas originadas em ambiente rural, estavam condenadas à morte, devido ao seu crescente contato com influências “deletérias” dos centros urbanos.

Foi sentindo esse aspecto das influências deletérias de uma cultura moderna, agindo de forma avassaladora sobre a sua cultura tradicional, cabocla, regionalizada, que o poeta popular nordestino Patativa do Assaré (figura 2), a seu modo, expressou em versos a visão de que estava diante de um conflito cultural de consequências incalculáveis para a cultura de um povo, sem que houvesse uma análise aprofundada das suas causas e consequências. E, sobretudo, por não se considerar e estudar seus costumes dentre eles a capacidade de interagir e inteirar-se pela observação da natureza:

**Figura 2** - Poeta Patativa do Assaré



Poeta, cantô da rua,  
Que na cidade nasceu,  
Cante a cidade que é sua,  
Que eu canto o sertão que é meu.  
Se aí você teve estudo,  
Aqui, Deus me ensinou tudo,  
Sem de livro precisá,  
Por favô, não mêxa aqui,  
Que eu também não mêxo aí,  
Cante lá que eu canto cá [...]

[...] Canto as fulô e os abróio  
Com todas coisa daqui:  
Pra toda parte que eu óio  
Vejo um verso se bulí  
Se as vêz andando no vale  
Atrás de curá meus male  
Quero repará pra serra,  
Assim que eu óio pra cima  
Vejo um diluve de rima  
Caindo inriba da terra [...].  
(ASSARÉ, 2000, p. 25-29).

Fonte: Assaré (2006).

A cultura popular, na História do Brasil, sob a perspectiva antropológica, reconstrói alguns conceitos de cultura que foi imposta de cima para baixo sem considerar as crenças e costumes de pessoas que possuíam sua própria identidade enquanto indivíduo e povo. As concepções sobre cultura, naturalmente envolvem pensamentos sobre manifestações tradicionais em determinadas comunidades. Este sentido não deixa de parecer comum, pois as expressões simbólicas que marcam algumas manifestações geram sensação, sentimento de identificação com o que é exposto.

Vale ressaltar que as discussões acerca da cultura popular tem alçado voos que se sobrepõem ao discurso folclórico. A indústria cultural é marcada por aspectos capitalistas, ideológicos e religiosos cujas movimentações impositivas e determinantes do mercado cultural têm ditado o que pode ser reconhecido ou não pelos sujeitos envolvidos. O teatro, a música, a literatura, o cinema e as artes, compreendidos como elementos culturais históricos, são modelados pelos investimentos que os mantém.

A indústria da cultura vem sistematicamente alterando as relações de reconhecimento de identidades nativas, onde seus elementos (artistas, cantores, escritores e produtores) que são sucesso de bilheteria têm aculturado os sujeitos que não compõem o universo onde estes produtos culturais surgiram. A importação de modelos culturais continua alterando as identidades locais e a cultura nativa de determinados grupos, e esta identificação com padrões incompatíveis à realidade do ambiente em que o indivíduo se insere é um dos motivos do conflito de identidade.

A prática colonizadora nunca levou em consideração a cultura local do colonizado, tanto com tribos africanas, das quais negros eram traficados entre os colonizadores, quanto com índios que eram oprimidos em sua terra durante a exploração.

Certamente as tradições que se mantiveram ao longo do tempo resistiram como forma de preservação da identidade destes grupos, sendo que a cultura popular pode ser vista como um marco de cada povo, conseguindo se destacar em relação à cultura dominante de cada região e à cultura erudita. Dessa maneira, a cultura popular sempre sofreu marginalização pelo contexto social em que surgiu, podendo afirmar-se que a resistência histórica da cultura popular gerou a grande diversidade cultural presente em nosso país que, paulatinamente, tem se afirmado, ainda que seja de forma esporádica em eventos religiosos ou datas comemorativas

de comunidades locais. E, como já relata Rocha (2009, p. 227):

A designação de cultura popular entre os intelectuais ao longo da história sofreu algumas permutações de sentido, que em alguns momentos significa alienação, em outros, resistência. Esta mudança de sentido fundamenta os três modos de pensar a cultura como arte que são: folclore, arte popular ligada à indústria cultural e característica dos meios urbanos e, por fim, a arte popular revolucionária ligada aos intelectuais e artistas com o intuito de produzir a consciência entre classes contribuindo significativamente para a transformação da realidade social.

Cabe, pois, inferir em relação à citação acima, que a cultura popular incita o sujeito a reconhecer elementos que são encontrados dentro de suas identidades, do seu folclore, podendo ser um elemento real que começa a interagir com algo abstrato dentro do ser, que pode ser provocado por memórias experienciais, não sendo isenta da relação com outras formas de cultura assim como, segundo o pensamento de Hall (2011, p. 13), a identidade de um sujeito não é única. “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.”. No entanto, a interação comum entre a cultura popular e identidade, gera um ponto de consistência e afirmação que o define como sujeito. A cultura popular caracteriza-se na literatura de cordel, na canção popular, na medicina tradicional alternativa, na arte cerâmica, etc. não sendo, portanto, restrita a limites conceituais.

Tratando-se da cultura erudita, esta se baseia no padrão europeu voltado para a originalidade e autenticidade em refletir o prazer de uma produção orgânica pautada na reflexão e conhecimento da comunidade na qual está inserido assemelhando-se à cultura popular, por vezes tão confundida e de difícil definição. E, que conforme Domingues (2011, p. 4):

A relação entre a cultura erudita, conhecida também como intelectual, e a cultura popular baseia-se pelas formas de expressão como também pelos conteúdos dos sistemas de representações. Por este motivo, a relação destas culturas não pode ser visto separado e sim como um cruzamento entre o chamado “erudito” e o “popular” fortalecendo encontros e reencontros, e trocas de informações culturais.

Desta maneira, a cultura erudita é pautada em uma produção mais elaborada, de cunho acadêmico e educacional, exigindo de seus autores mais rigor na elaboração por estar limitada a uma minoria da sociedade. Assim, a expressão cultura erudita está ligada a representações ideológicas, consumida essencialmente pela elite cultural e econômica de uma minoria da sociedade, estabelecendo padrões e regras para o comportamento das demais culturas, como exemplo temos as artes plásticas e as músicas clássicas.

O Maranhão é o estado do Nordeste que possui naturalmente grande influência da Região Norte que é, historicamente, uma região habitada por indígenas, quilombolas e sertanejos, onde se denota uma grande diversidade cultural além de patrimônios imateriais que surgiram entre esses grupos e são reconhecidos no âmbito nacional e internacional. O patrimônio cultural de uma civilização não envolve apenas artefatos populares ou religiosos, mas tudo que é produzido por um povo e que o remete à sua identidade ou significado social. Nesse contexto, Silva (2011, p. 1), discute a distinção entre patrimônio cultural material e imaterial:

[...] patrimônio cultural material o(s) suporte(s) físico(s) conserva(m)/apresenta(m) diretamente os seus valores culturais, como nos casos, por exemplo, das edificações, objetos e artefatos. Já no imaterial a(s) sua(s) base(s) física(s) e/ou prática(s) social(is) observável(is) significa(m) não por si só, mas por tratar-se de ícones do não-dito, de representações, de costumes, de tradições e/ou de saberes, vide-se o artesanato, a fabricação de instrumentos, a cultura popular, as brincadeiras, as formas de expressão, as artes visuais, as festas religiosas, as celebrações rituais e os lugares de sociabilidade.

Assim, o Maranhão é rico na variedade desses elementos que compõem a cultura popular e erudita, como a literatura, o artesanato local, as ruínas de casas do período colonial, a linguagem, a música nativa, a construção de embarcações de madeiras, o tambor de crioula, o tambor de mina, o bumba meu boi, além do estilo arquitetônico dos casarões da capital maranhense, que foram tombados pela UNESCO.

Apesar da riqueza de bens culturais que no Brasil e, de modo específico no Maranhão, existem, muitos são os aspectos a serem considerados que limitam seu estudo, compreensão e preservação. Dentre eles, a falta de políticas públicas consistentes que assegurem o consumo desses bens pelas instituições educacionais. Neste aspecto, Conceição (2011, p. 41), considera que:

Essa questão é particularmente importante no Brasil, sobretudo em São Luís, onde a diversidade cultural é imensa, e a escola – desprovida de recursos e condições – cumpre, muito precariamente e de forma limitada, uma de suas funções primordiais que é a de formar cidadãos com uma base cultural comum. Infelizmente uma instituição em que o consumo de bens culturais é incrivelmente restrito.

Tais fatos remetem à compreensão de que a maior parte desse patrimônio constituído de bens materiais e imateriais que é fruto dessa diversidade cultural que

no Brasil existe, além da informação e do conhecimento que a análise de sua obra pode produzir, é pouco explorado como fonte informacional e quase não tem servido à discussão no ambiente escolar brasileiro. De modo que, tanto o culto à memória, quanto o uso da riqueza informacional contida no produto elaborado pela maioria dos seus elementos fazedores, acabam perdidos ou mesmo esquecidos no tempo. Outrossim, o estudo dessas práticas culturais é imprescindível a quem medeia informação como é o caso do bibliotecário, pois permite que se compreenda como se configuram os fenômenos sociais que se manifestam através da cultura de um povo. Além de que, ao dar sentido às considerações antropológicas e aos estudos historiográficos e etnocêntricos, permite-se aprofundar os questionamentos sobre a cultura de um povo e entender alguns conceitos preexistentes, o que facilita a inserção do profissional na comunidade e favorece a compreensão das suas necessidades, o atendimento de suas demandas e a emancipação dos sujeitos para o exercício consciente da cidadania.

### 3 O BUMBA MEU BOI COMO SÍMBOLO DA CULTURA POPULAR MARANHENSE

A cultura popular não possui um conceito exato, embora tenham sido apresentadas algumas concepções neste trabalho. O bumba meu boi, que é simbolicamente retratado na figura 3, e cujo enfoque histórico e cultural tem sua origem atribuída a diversos fatores considerados nesta pesquisa (em que se utiliza o popular como oposição à cultura dominante ou erudita), ou seja, popular no sentido de emergir das camadas sociais mais baixas, normalmente marginais aos centros urbanos, enquanto a cultura erudita é restrita a um pequeno grupo que possui um grau de instrução, estudo e formação em determinada área.

**Figura 3** – Símbolo do bumba meu boi – o boi



Fonte: Autor (2018).

Na História, alguns relatos defendem que o surgimento da cultura do bumba meu boi esteja atrelado ao totemismo praticado pela etnia Bantu, no continente africano, cujo costume tinha o boi como animal totêmico por excelência. E que essa prática tenha sido introduzida no Brasil através dos africanos dessa etnia trazidos pelo tráfico de escravos para a então colônia portuguesa, sendo este costume aqui mesclado pelo folclore caboclo dos vaqueiros e de elementos indígenas, sofrendo no tempo adaptações e evoluções (IPHAN, 2011).

No Nordeste do Brasil a sua origem é atribuída ao ciclo do gado e, para Silva e Ferreira (2008, p. 01), o bumba meu boi “[...] nasceu no Nordeste, porque as mais

remotas notícias dele vêm através do jornal “O Carapuço”, editado no Recife, no ano de 1840, pelo padre Miguel do Sacramento Lopes Gama.” Contudo de um modo geral, o fato acerca da hipótese da origem deste símbolo cultural no Brasil ainda gera muitas discussões.

No Maranhão, o bumba meu boi é o maior destaque dentre as diversas manifestações culturais existentes no Estado, onde há um imenso legado cultural que comumente é atribuído à herança oriunda da mistura de etnias africanas, europeias com as etnias nativas do Brasil que aqui se encontraram. Ao tratar sobre o surgimento dessa manifestação cultural nesse Estado, Coelho e Alencar (2015, p. 86), pontuam que:

Os primeiros registros do bumba meu boi datam no final do século XVIII e início do século XIX, sendo introduzido por negros africanos e indígenas, que sofreu repressão da sociedade elitista da época que acusava este auto popular de causar a desordem pública. Percebe-se que apesar da restrição de não poderem realizar essa livre manifestação cultural, ainda assim foi possível preservar sua identidade cultural, a partir da realização de apresentações clandestinas. [...] somente na década de 1970, o bumba meu boi se popularizou na sociedade maranhense, acompanhado dos desdobramentos de novos pensamentos e valores, assim contribuindo para se tornar um ícone da cultura popular local.

Apesar do discurso que o bumba meu boi resulta da hibridização desses povos, nele predominam principalmente traços das etnias de origem africana e nativas do Brasil e da sua resistência social, cultural e mística que reúne figuras simbólicas em favor do reencontro com a sua identidade cultural. Vale ressaltar que a figura do boi está ligada diretamente, ao trabalho no campo, ao manejo da terra, com a função de confidente dos escravizados que o utilizavam no trabalho pesado. Envolve discursos, conflitos e símbolos que compõem o misticismo no Estado, como suscita a lenda de Dom Sebastião. E, por ser uma expressão oriunda da base popular, uma vez que seus integrantes, era em sua maioria, escravizados libertos que se concentravam em regiões periféricas, enfrentou grande resistência da cultura dominante. Os seus adeptos se reuniam em datas de comemorações religiosas e provocavam reações adversas das elites locais e, por serem considerados “vagabundos” ou sujeitos à vadiagem, frequentemente eram contidos pela força militar.

O surgimento folclórico do bumba meu boi está ligado ao auto de Pai Francisco e Catirina ou Catarina. Os autos são conhecidos na literatura como elementos que reúnem diversas características teatrais carregadas de misticismos,

como o mais conhecido da literatura portuguesa o Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente, ou no Brasil, o Auto da Compadecida de Ariano Suassuna.

A popularização dessa história está atrelada ao imaginário da saga de Pai Francisco que, para atender ao desejo de sua esposa Catirina a qual se achava grávida, cortou a língua do boi Barroso que era o novilho estimado na fazenda do patrão. E, depois que foi notada a sua falta, o boi foi procurado e encontrado morto. Quando o fazendeiro dono do boi ficou ciente, reuniu seus capangas e os índios adjacentes à fazenda para encontrar Pai Francisco que confessou tal ação em favor do pedido de uma grávida. E, depois disso, o fazendeiro mandou procurar um doutor ou pajé para tentar ressuscitar o boi, tarefa obtida com êxito, pois se supunha que este apenas dormia. Logo em seguida, todos comemoram. Este auto, em síntese, agrupa estas ações: o desejo de Catirina; a ação de Pai Francisco em retirar a língua do boi; a morte do boi Barroso; a confissão de Pai Francisco e o guarnicê do boi, ou seja, acordar ou levantar. Essa sistematização do enredo que propaga o bumba meu boi, expõe o reflexo social do momento histórico colonial brasileiro pertinente à sua época.

De acordo com dados do IPHAN, o Maranhão possui vários grupos de bumba meu boi nos diversos sotaques como se pode observar no (Quadro1).

**Quadro 1** - Quantidade de grupos de bumba meu boi no Maranhão

TIPO	UNIDADE	QUANTIDADE
Sotaque da baixada	Grupo	122
Sotaque de costa de mão	Grupo	07
Sotaque de matraca	Grupo	66
Sotaque de orquestra	Grupo	115
Sotaque de zabumba	Grupo	35
<b>Total</b>	<b>Grupo</b>	<b>345</b>

Fonte: IPHAN-MA (2018)

A capital maranhense é repleta de muitos grupos que se distinguem por vestimentas, sotaques, instrumentos utilizados para a música e coreografia.

A presença de mulheres na brincadeira era mal vista pela sociedade, cenário que sofreu algumas mudanças a partir do ano de 1980, onde as mulheres frequentavam o evento com a função restrita apenas de cozinheiras e bordadeiras, ou seja: fornecer comida e bebida aos homens durante as apresentações, haja vista que, geralmente, essas mulheres possuíam algum vínculo com os brincantes, além de costurar e bordar as vestimentas alimentadas pela devoção a São João, São

Pedro e São Marçal, santos da igreja católica que são venerados no período junino, no Estado do Maranhão, sendo posteriormente chamadas de “mutucas”.

Esse folguedo fundamenta-se, pela narrativa, com características sociais predominantes na época colonialista, onde existia a condição de senhor como a figura branca e o negro como servo perseguido por vaqueiros ou capatazes e índios que viviam por lá. E representa uma tradicional história social da formação do povo brasileiro. Nela, o negro é colocado à prova a respeito de sua honestidade, sobretudo perseguido e índios sem terras que se juntam ao homem branco para servi-lo nesta caça caprichosa ao responsável pela morte de seu animal de estimação.

Assim, as manifestações populares eram vistas não só como um atraso para a elite, como no caso do bumba meu boi do Maranhão, tido como uma manifestação bárbara e composta apenas pela vadiagem negra e cabocla, a ponto de existirem denúncias quando se reuniam em locais públicos e, constantemente terem que solicitar e pagar a licença para se reunirem. Neste contexto, a tradicional festa de bumba meu boi no bairro do João Paulo, em São Luís – MA, descende de uma contenção militar que impedia os brincantes de se deslocarem para o centro da cidade, porque as licenças eram formas de controlar a cultura popular que emergira vultuosamente neste período.

Apesar da rejeição da sociedade elitista a diversos segmentos da cultura de base popular, não só o bumba meu boi, mas também outros grupos folclóricos, como de tambores de mina, umbandistas, etc., conseguiram resistir. E só começou a haver uma mudança significativa nessa relação de discórdia já na segunda metade dos anos 60, quando o então governador José Sarney, visionário político, dito simpatizante dessa cultura, (contudo, à nossa análise, pela conveniência política de um governante que almejava constituir uma base sólida de governo consubstanciada pelo favorecimento como meio de controle popular), promoveu a diminuição do valor das taxas de licença, dilatou o horário permitido às brincadeiras e recepcionou grupos populares no Palácio dos Leões, e, conforme relata Lima (2003, p. 2), foi assim que aconteceu:

[...] abriram-se as portas do palácio e em grande estilo apresentaram-se Jorge Babalaô e suas dançantes, com suas vestes suntuosas e seus rituais, seguidos do Bumba meu boi da Madre Deus e o de João Cância/Apolônio Melônio, então sócios. Foi, pois, ao som das rezas do pai-de-santo e das matracas do Boi, da exibição de suas penas e canutilhos, que se deu a

ascensão do folclore maranhense... E logo toda a sociedade elitista aderiu, pressurosamente, ao gosto do governador. Franqueado o palácio à entrada do povo, toda a gente, que antes não suportava aquelas manifestações grosseiras, passou a apreciá-las, mesmo porque, agora elas participavam dos festejos oficiais, representantes legítimas da cultura popular: bumbas, Mina, cantadores, artesãos, culinária, restaurado o prestígio de pratos regionais como arroz-de-cuxá, quando o jornal só recomendava cardápios franceses. Até então todas as manifestações populares consideradas coisa de preto e de pobre passaram, de repente, a ser valorizadas, com certa desconfiança, é certo, mas aceitas, porque eram do agrado do governador. Assim a elite maranhense descobriu a cultura popular do Maranhão. Quase que pelos olhos alheios.

Note-se então quão difícil foi à cultura popular maranhense e, de modo específico ao bumba meu boi do Maranhão que, além de resistir à opressão elitista, ainda careceu de uma espécie de roupagem estatal para poder se expressar livremente, mostrar seu valor e ser, pelo seu modelo com características próprias, reconhecido como um autêntico produto cultural do Maranhão.

Importa ressaltar que a ingerência estatal ou privada na cultura popular normalmente acontece sob a égide da compensação financeira o que acaba servindo para uma espécie de enquadramento, ou seja: funciona como um instrumento de controle social quase nunca percebido pela maioria dos elementos que a constituem, o que remete de certo modo à compreensão que Foucault (2005) no livro, *Microfísica do Poder*, perpassa de poder cuja dominação não se dá centralizadamente, mas que se estabelece nas relações sociais recíprocas e de múltiplas sujeições. Nele Foucault (2005, p. 149-150), explicita que “[...] nada mudará na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo, ao lado dos aparelhos de Estado a um nível muito mais elementar, cotidiano, não forem modificados”.

Dessa compreensão em Foucault pode-se aferir que também nesse contexto cultural, em meio aos tradicionais modos de saber e fazer do bumba meu boi, há micropoderes que se estabelecem na ação de produtores de bois que se interligam à ação do Estado sem que haja uma leitura crítica desse processo, o que acaba servindo de suporte ao funcionamento e manutenção de um sistema de dominação e poder disciplinar sobre seus envolvidos, ou seja, o bumba meu boi por essa ótica passa a ser controlado para ser utilizado ao máximo em suas potencialidades mercadológicas e, por isso, vem se sujeitando. Um exemplo dessa lógica capitalista é o formato de suas apresentações e o controle de tempo e espaço em muitos eventos públicos. Neles o tempo tem sido cronometrado e o espaço de sua exibição

que era aberto, em pleno contato com a população, tem sido levado a usar palcos, mesmo à revelia da vontade de muitos dos seus praticantes. Isso acontece principalmente para atender aos interesses de quem o custeia, seja o próprio poder público a nível estadual e municipal ou de políticos individualmente que, por essa ação acabam mantendo uma relação de grande influência e controle sobre inúmeros grupos.

Este é um dos aspectos que o bibliotecário precisa conhecer para compreender os processos que envolvem a socialização da informação, para saber disponibilizá-la de modo que favoreça a sociedade não só do conhecimento sobre si, mas das intenções subentendidas de quem ela carece ou que intencionalmente dela se serve. E ser, portanto, um elemento provocador da mudança de consciência social no sentido de que suscite a ação cidadã no indivíduo afim de que ele possa discutir criticamente o meio cultural onde o mesmo atua.

### **3.1 Bumba meu boi: modo de saber e fazer**

O bumba meu boi, atualmente, representa não apenas uma manifestação folclórica do Estado do Maranhão, mas, sim, um mecanismo de comunicação para externar a linguagem do povo, suas dificuldades, e anseios de melhoria da sociedade à qual está inserido. Envolve grande número de participantes, e exige dedicação e disponibilidade por quase todo o ano, visto que os mesmos ajudam a produzir suas indumentárias, Cardoso (2016).

Apesar de o bumba meu boi do Maranhão possuir características próprias que o define como manifestação cultural maranhense, este possui especialidades ou subdivisões, que expressam a riqueza cultural e histórica que marcam a cultura maranhense, o que chamamos de sotaques. Para discutirmos os sotaques e as peculiaridades do bumba meu boi do Maranhão, faz-se necessário conhecer o significado de alguns instrumentos musicais, que são descritos abaixo:

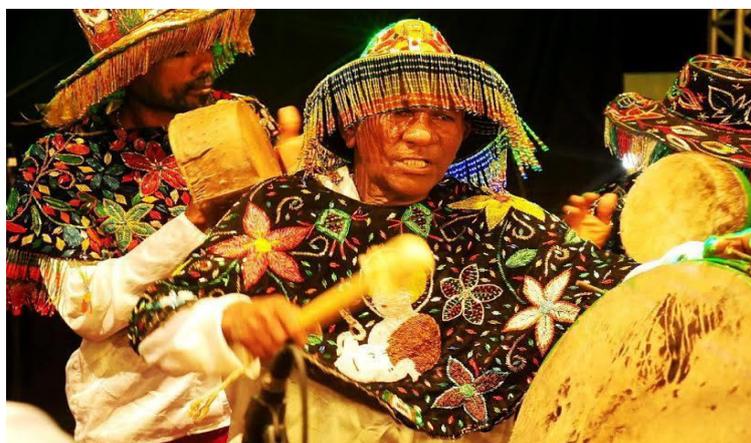
- a) Matraca: instrumento feito de madeira que são batidas uma com a outra, produzindo um som estridente e peculiar desta cultura;
- b) Pandeirão: um arco de madeira coberto com pele de animal;
- c) Tambor-onça: uma variedade de cuíca, que produz um som grave e alto;
- d) Maracá: baseia-se em uma espécie de chocalho grande, usado para marcar o ritmo da toada;

- e) Apito: utilizado pelo cantador como símbolo de marcação para início e finalização da música;
- f) Zabumba: instrumento de percussão, formado por um tambor feito de pranchas de madeiras coberto com peles de animal, esticado por cordas, tocado com uma baqueta grossa, conduzido por dois participantes da brincadeira, enquanto a zabumba moderna pode ser de madeira ou metal.

Atualmente, os sotaques do bumba meu boi no Maranhão, estão divididos em cinco tipos e têm surgido alguns grupos com estilo alternativo como é o caso do bozinho barrica. Os principais aspectos que distinguem esses sotaques são roupas, adereços, coreografia, instrumentos e estilo musical. A região de origem da manifestação também caracteriza o sotaque adotado, que é tão diverso quanto complexo, pois cada região tem diferenciadamente seu contexto e modelo de percepção de mundo que acaba influenciando a apreensão cultural e, os tipos desses sotaques, a saber:

a) **Sotaque de Zabumba** – Originário da cidade de Guimarães, interior do Maranhão, é considerado o mais antigo, e comprovado que foi fundado pelos escravos, devido aos seus instrumentos, como tambores, zabumba e outros. É perceptível, de modo marcante, a figura do escravo, ou seja: a sua representação, considerado este tipo de sotaque (figura 4) do bumba meu boi, o original e principal, pelos maranhenses. É importante destacar que este tipo de sotaque é carregado de influências ético, religioso e lúdico, vislumbrado nas toadas, que relatam os acontecimentos e as opiniões da comunidade local.

**Figura 4** – Bumba meu boi sotaque de zabumba



Fonte: Secult São Luís (2017).

b) **Sotaque de Matraca (da Ilha)** – Neste sotaque, os elementos sofrem influência indígena. Sotaque predominantemente da capital São Luís, faz uso de matracas (figura 5) e é acompanhado de pandeirões, tambor-onça, além de indumentárias próprias, sendo composto por personagens como o vaqueiro, índias, caboclo de pena, ou caboclo real. Atrai multidões para a brincadeira, cada um batendo sua própria matraca.

**Figura 5** – Bumba meu boi sotaque de matraca.



Fonte: Secult São Luís (2017).

c) **Sotaque de Orquestra** - Influência europeia, e, portanto, o mais recente. As indumentárias são mais luxuosas (figura 6), conta com a atuação da elite interagindo muito nesta área do folguedo. Os instrumentos variam desde instrumentos de sopro, até os de corda.

**Figura 6** – Bumba meu boi sotaque de orquestra



Fonte: Autor (2018).

d) **Sotaque de Costa de Mão** - Só existe em Cururupu. Nesta cidade, especula-se que tudo isso começou devido às paixões dos habitantes da localidade pela folgança popular. Os principais instrumentos (figura 7) são os ditos pandeirões.

**Figura 7** – Bumba meu boi sotaque de costa de mão



Fonte: Secult São Luis (2017).

e) **Sotaque da Baixada** – Ocorre na região da Baixada Ocidental Maranhense nas cidades de Viana, Guimarães, São João Batista e outros lugares. Possui suas indumentárias (figura 8) parecidas com as do sotaque de matraca. Os instrumentos utilizados neste sotaque são o pandeirão e a matraca, e o ritmo da música são mais devagar, quando comparado ao sotaque de matraca.

**Figura 8** – Bumba meu boi sotaque da baixada



Fonte: Autor (2018).

No Estado do Maranhão, essa movimentação cultural cria vida a partir dos primeiros ensaios no sábado de aleluia (Semana Santa), normalmente em abril com um ciclo que vai até meados de outubro, período em que se realizam os últimos rituais de morte do boi. No entanto, há um período de preparativos que precedem essa data onde, segundo Cardoso (2016, p.55), “[...] os grupos realizam reuniões que vão do fim de dezembro até o final de abril, quando são planejadas as ações do ciclo festivo, produzidos os instrumentos e as indumentárias do Boi” para a temporada de apresentações.

O início dos ensaios é o momento em que muitos integrantes do grupo e os simpatizantes da brincadeira se reencontram, após a temporada anterior, para compartilhar das novidades do seu bumba boi, memorizar a nova toada, ver indumentárias, coreografia, o papel que cada um exercerá na brincadeira, etc. E, participarem, a partir de então, de uma sequência de ensaios que se sucedem até meados do mês de junho, quando acontece o chamado ensaio redondo que ocorre por volta do dia de Santo Antônio, sendo também chamado de ensaio principal.

Os bois são batizados no dia 23 de junho, véspera da festa de São João, diante de um altar com imagem do santo considerado por eles como padroeiro, onde é rezada a ladainha com derramamento de água benta, com devotos ajoelhados e padrinhos segurando velas e toalha, semelhante ao ritual de batismo da igreja católica (figura 9).

**Figura 9** - Batizado do bumba meu boi de Maracanã



Fonte: Boi de Maracanã (2017).

Conforme Cardoso (2016, p.55):

A cerimônia é realizada numa capela improvisada, com a presença de um padre e dos padrinhos, estes escolhidos a cada ano. "Te batizo. Presente de São João (nome do Boi); não te dou um santo nome porque não és cristão: em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, te batizo". São proferidas, ainda, diversas orações e ladainhas, até que ao final do ritual, o Boi, envolto em panos, é descoberto e o povo pode ver seu novo couro. A partir daí, o amo canta o Guarnicê, toada que convoca, reúne e arruma o batalhão e dá início à exibição.

Cumpre destacar que as apresentações, que antes eram suspensas após o ensaio redondo (último ensaio) e que só se reiniciavam após o batismo do boi na véspera do dia de São João, têm, atualmente, acontecido também nesse período haja vista que muitos grupos possuem atividades durante quase todo ano cumprindo agenda turística local, no Brasil e no exterior.

Já a morte do boi, conforme o ciclo normal da brincadeira em cada ano acontece entre os meses de julho e outubro. Isso depende da programação que é elaborada e de interesse de cada grupo. Esse ritual, segundo Oliveira (2003 apud CARDOSO, 2016, p. 58), acontece da seguinte forma:

Na véspera da matança, o batalhão dança até o dia amanhecer. Logo às cinco horas da manhã o boi desaparece, surgindo somente na hora de ir para o mourão. Neste espaço de tempo, o animal permanece na casa da madrinha do mourão, que não é a mesma madrinha do boi e cuja função é enfeitar o galho de pau com ramos e cobri-lo com papel colorido, pastilhas e frutas, como manda a tradição. No início da tarde começa a busca pelo boi e já no finzinho do dia o vaqueiro o encontra. Com um laço o conduz para o mourão que já está enterrado à espera do touro encantado. Depois de três dias da matança, a madrinha oferece uma mesa de doces para marcar o dia de desenterrar o mourão. O miolo guarda uma garrafa de vinho. Colocam ao pé do mourão uma bacia para reter o 'sangue'. Quando o vaqueiro amarra o bicho, Pai Francisco vem com uma faca e o sangra. Recolhido o vinho/sangue, este é servido a todos os presentes em momento marcado por toadas suaves, de tom nostálgico, entre as quais o tema da despedida, no qual o cantador roga aos santos protetores que o boi possa voltar e brincar no ano seguinte. Bastam algumas rodadas de vinho e de cachaça para que as toadas mais animadas tomem conta do terreiro e a alegria volte a reinar [...].

O ritual de morte do boi reaviva nos adeptos dessa brincadeira a certeza de que ele ressurgirá para a temporada do ano vindouro. Perpassa ainda ter relação com o imaginário da morte e ressurreição de Jesus Cristo, demonstrando que esse ritual sofreu diversas influências e, que dentre elas, faz alusão a costumes que são próprios dos rituais praticados pela religião católica.

### 3.2 Simbolismos do bumba meu boi

O simbolismo para uma cultura baseia-se em relações culturais de importância histórica e sentimental, retratando o cenário social ao qual está inserido e suas faces de expressão, verbal, espiritual e/ou gestos e caracteres. Nesta perspectiva, podemos considerar que o bumba meu boi é uma mistura do lúdico e religioso, uma vez que sintetiza um amplo repertório simbólico. O bumba meu boi entra no ápice de sua manifestação no período junino, em comemoração aos dias de Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal, sendo os três últimos, mais marcantes para os brincantes, pois são considerados os padroeiros da brincadeira.

Esses grupos de bumba meu boi carregam elementos místicos que simbolizam o nascer, o batizado e a morte do boi que definem o ciclo de apresentação do boi, misturando esta ação ao sincretismo religioso, onde santos da Igreja Católica são exaltados em meio à comemoração do bumba meu boi, como observa Cardoso (2015, p. 119):

Vinculada à promessa religiosa, a brincadeira do bumba meu boi homenageia no mês de junho Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal. A história é encenada por um conjunto de personagens que pode variar segundo o *sotaque* (gênero musical/artístico/regional). Mas, em geral, os grupos são formados pelo boi, figura central da encenação; pelo amo, que personifica o dono da fazenda, podendo acumular a função de cantador; pelo casal, Mãe Catirina e Pai Francisco; por um grupo de vaqueiros; e pelas índias, adolescentes que trajam indumentária confeccionada com penas e cocares.

Neste contexto mítico, religioso e territorial, surgem os grupos de bumba meu boi com uma variedade de sotaques, onde a sonoridade é marcada por um ritmo diferente, que pode variar entre o som estridente das matracas de madeira, o som pulsante da zabumba ou a sonoridade suave e envolvente da orquestra. No sotaque de matraca é comum aos participantes, que não integram oficialmente o grupo de bumba meu boi, levarem suas matracas para interagirem com os brincantes, fato que não acontece com o boi de orquestra, que se caracteriza mais como uma apresentação.

Segundo o IPHAN (2011), o bumba meu boi do Maranhão, também chamado de bumba boi ou mesmo boi, possui como característica marcante, a multiplicidade de personagens dos grupos, porque além da figura central, o boi, surge a figura dos personagens como o amo (cantador conhecido por cabeceira, comandante, patrão ou mandador, de acordo com a região), vaqueiros de cordão,

vaqueiros campeadores; rajados, marujados, rapazes, caboclos-de-pena, cazumbas, toureiros; tapuios, tapuias, panduchas, caipora, manguda, bichos, índias, índios, burrinha, Dona Maria, Pai Francisco (ou Nego Chico) e Catirina.

É importante destacar que a aparição desses personagens está ligada ao estilo adotado pelo grupo, pois, além das personagens de dentro do grupo, outras pessoas, que podem ser chamadas de apoiadores, fazem parte da equipe do bumba meu boi, exercendo a manutenção das brincadeiras com funções diversas, tais como: as conserveiras, as mutucas, as torcedoras, as doceiras, as cozinheiras, o gerente, o regente, o fogueireiro, o fogueteiro e, por fim, o ajudante de amo.

Desta forma, é importante referir esses personagens que compõem o bumba meu boi, descrevendo-os conforme Santos (2011):

a) **Boi** – É em torno dele que toda a dramatização acontece. A estrutura ou armação do corpo do boi é feita de talos de buriti ou jeniparana, e o couro que cobre a armação é feito de veludo preto, ricamente bordado com miçangas, paetês, canutilhos, fitas coloridas e tudo mais que possa encher de brilho e beleza o novilho de São João. O complemento final do boi é a barra, pano colorido que dá altura ao boi e esconde o miolo, dando-lhe movimento.

b) **Miolo** – Brincante que se coloca debaixo do boi, um bailarino que dá vida à dramatização.

c) **Pai Francisco** – É conhecido como Francisco ou Chico. É responsável pela morte do boi do fazendeiro para atender ao desejo de sua mulher.

d) **Mãe Catirina** – Mulher de Chico que, por estar grávida, tem o desejo de comer a língua do boi mais bonito da fazenda. Quem representa essa personagem é um homem vestido de roupas femininas.

e) **Amo** – Dono do boi, pessoa que organiza a festa, cantador, tirador das toadas. Usa roupas luxuosas e tem sempre à mão um maracá e um apito, que dirigem toda a encenação da comédia. Representa o patrão de Pai Francisco.

f) **Dona Maria** – Conhecida como Mãe Maria, mulher do fazendeiro, a patroa. Tem pouca função no auto e é representada por um homem vestido de mulher.

g) **Cazumba ou Cazumbá** – É um elemento sincrético, misterioso, não é homem nem é bicho, nem é macho, nem é fêmea. Tem origem africana e representa a fusão dos espíritos dos homens e dos animais que permanecem na terra com os vivos. Sua função é distrair a plateia antes do começo do auto. No momento em que

o fazendeiro manda prender Pai Francisco, os índios prendem primeiro cazumbá. Usam-se máscaras que podem ser de tecido, de focinho ou cabeleira e do tipo igreja.

h) **Rajados** – Bailantes que compõem o cordão, que são coadjuvantes do amo, para também efetuarem seus mandados. A exuberância de seus chapéus tipo 85 cogumelo grande com a pala sobreposta ricamente bordada e com fitas coloridas, que cobrem o goleiro até os pés, são destaques.

i) **Vaqueiros** – São conhecidos também como rajados, ou seja, os empregados do fazendeiro. Ostentam roupas luxuosas e por não existir número fixo, geralmente variam de dois a seis. Os vaqueiros dançam na frente, próximo ao boi, dentro do cordão. Seu bailado, assim como o do miolo, é um dos pontos altos do espetáculo.

j) **Rapazes** – A quantidade de rapazes é determinada pelo Amo, e pode girar em torno de dois a seis. São empregados do fazendeiro, mas seus trajes são mais modestos que os dos vaqueiros e rajados. Brincam na roda do boi, à disposição do amo. Os bois da Baixada ostentam grandes chapéus enfeitados de penas coloridas.

l) **Caboclos de Pena** – São conhecidos também como caboclos reais, usados em bumba meu boi de matraca. Têm como responsabilidade prender Pai Francisco. Usam a mais vistosa fantasia do espetáculo, feita de pena de ema, tingida de cores alegres. Portam peitilho, braçadeiras, pulseira, saiote, perneiras e tornozeleiras. Na cabeça usam um cocar de um metro e meio, também de penas. Sua dança é uma das coreografias mais bonitas do bumba meu boi maranhense.

m) **Doutores** – Varia bastante o número de doutores no folguedo. Dependendo do amo, são colocados até sete. Os mais conhecidos são os que levantam o boi: doutor da medicina e o pajé ou curador. Não são constantes em todos os grupos, pois são substituídos pelo pajé, porque não conseguem ressuscitar o boi.

n) **Padre** – Batiza os personagens que vão prender Pai Francisco.

o) **Índias** – Participam das apresentações que não realizam a trajetória do auto. São dançarinas que fazem a coreografia quando o grupo está apenas cantando as toadas. No auto tradicional sua função era de capturar Pai Francisco, refugiado nas matas, porque conheciam os lugares onde poderiam encontrá-lo.

p) **Burrinha** – É o segundo animal mais importante do espetáculo, inferior apenas ao boi. Sua estrutura ou armação do corpo da burrinha é feita de cipó e

buriti. Para cobri-la, é usado chita e não couro. Há uma cavidade no local da sela para o brincante entrar e dar a ideia de que está montado. Sustenta a burrinha através de suspensórios. Sua função é abrir e dar assistência para manter a roda do boi.

q) **Caipora** – É uma boneca muito grande, medindo em torno de dois a três metros de altura, que persegue e assusta Pai Francisco quando ele mata o boi e foge da fazenda. Assusta para não atrapalhar a evolução do grupo. Essa figura não se verifica na maioria dos grupos, é sempre vista no bumba meu boi da Maioba.

r) **Mutuca** – Mulher que acompanha os seus entes boieiros. Geralmente é esposa, namorada, companheira, mãe, tia, avó, etc., que se coloca próximo dos participantes ativos da dramatização. Sua ação se assemelha a mutuca: não deixar dormir, nem deixar seus parceiros sem alegria à noite toda.

Referidas, figuras de acordo com Silva (2011), não são comuns em todos os sotaques, que vão aderindo alguns personagens e excluindo outros, mas mantendo a ideia e os personagens principais do auto. Desta forma, elas reúnem elementos simbólicos do universo popular que, conectados aos sujeitos, despertam a identidade cultural dos envolvidos. O bumba meu boi é mais do que uma brincadeira de período junino, isto porque ele tem enredo, lenda, religiosidade, valores sociais e econômicos que ultrapassam os valores das vestimentas utilizadas nas apresentações.

Baseado nesse contexto, o bumba meu boi, que já foi tombado como patrimônio imaterial da cultura popular brasileira em 30/08/2011, não deve estar limitado numa exposição apenas para fim de apreciação e sim, despertar na sociedade maranhense o seu valor patrimonial para fins de preservação e continuidade dos saberes, com expansão do conhecimento popular e da sensação de pertencimento cultural.

Outro fator a ser destacado neste ambiente é o enredo das toadas que, em sua maioria, exalta a natureza, a criação e o misticismo religioso, aspecto predominante no universo cultural, por resgatar o possível contato com forças superiores ou sobrenaturais que determinam a existência do fenômeno e cuja referência pode ser extraída das estrofes das toadas (quadro 2) de autoria dos cantadores de bumba meu boi Coxinho, Humberto e Chagas que, à época do lançamento dessas toadas eram os cantadores, respectivamente, dos grupos de de Pindaré, Maioba e Maracanã.

**Quadro 2 – Cantadores e estrofes de toadas de bumba meu boi**



Fonte: Boi de Pindaré

[...] Viva Jesus de Nazaré  
E a virgem da Conceição  
Viva o boi de Pindaré  
Com todo seu batalhão  
São Pedro, São Marçal  
E meu senhor São João [...]  
(Coxinho, Boi de Pindaré, 1972)



Fonte: Boi de Maracanã

“[...] Na Praia dos Lençóis  
Tem um touro encantado  
E o reinado do Rei Sebastião  
Sereia canta na proa  
Na mata o Guriatã [...]”  
(Cantador Humberto, Boi de Maracanã, 1986)



Fonte: Autor (2018)

“[...] Se não existisse o sol  
Como seria pra terra se aquecer?  
Se não existisse o mar  
Como seria pra natureza sobreviver?  
Se não existisse o luar  
O homem viveria na escuridão [...]”  
(Cantador Chagas, 2005)

Fonte: Autor (2018).

Contudo, a academia ainda detém certas limitações nestes estudos que, em sua maioria, fundamentam-se no empirismo e na oralidade e alimentam-se de elementos míticos para sua manifestação.

O empirismo, no entanto, foi uma das formas de conhecimento que incitou o pensamento científico, e apesar de muitas vezes algumas manifestações da cultura popular estarem fundamentadas neste tipo de conhecimento, suas contribuições são

genuinamente aplicáveis ao contexto social de muitos grupos. A tradição oral compõe a memória popular como uma das formas de transmitir conhecimentos por meio das gerações, por isso seu valor é ascendido nas comunidades no intuito de disseminar os saberes, as crenças, os hábitos e tradições culturais locais, reunindo elementos significativos e simbólicos para os envolvidos.

#### 4 BUMBA MEU BOI E CURRÍCULO: aproximações necessárias

A reflexão que se evidencia nesta seção parte da compreensão de que se tem sobre currículo como sendo algo que precisa estar em constante evolução, ser temporal, portanto estruturado para atender as demandas sociais resultantes das necessidades humanas em cada época e lugar sem, no entanto, desconsiderar que parâmetros nacionais são necessários, mas com o entendimento de que é preciso adequá-lo às demandas regionalizadas para que a escola e, neste contexto, a universidade, cumpra sua missão.

O currículo deve estar compatível com a realidade local a fim de servir como instrumento que favoreça a evolução e a emancipação dos sujeitos sociais, promova sua melhoria econômica e social, e incorpe os saberes e a cultura local. O enfoque tratado nesta pesquisa não é uma ideia estanque, uma vez que visa enriquecer a pesquisa e favorecer a discussão, no ambiente da Biblioteconomia, tendo em vista as diversas possibilidades existentes, mas que os parâmetros curriculares usados para a formação profissional do bibliotecário, de fato, pouco explorou.

O Curso de Biblioteconomia da UFMA, conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP) institucional, foi criado a partir da Resolução. nº 84, de 10 de março de 1969, sendo reconhecido institucionalmente pelo Parecer nº 2144/73, do então Conselho Diretor da Fundação Universidade do Maranhão. E desde sua criação até o momento atual tem passado por quatro reformas curriculares para adequar-se aos anseios que se revigoram em cada época. Atualmente, vigora o Currículo “30” com carga horária de 2.850 horas/ aula, vigente desde o ano de 2007 cuja estrutura curricular é composta de três eixos (quadro 3) e seus núcleos estruturantes.

**Quadro 3** – Estrutura curricular atual do Curso de Biblioteconomia da UFMA

<b>EIXO I:</b> Biblioteconomia e Ciências Interdisciplinares	<b>Núcleo-1:</b> estudos sobre o pensamento científico e as relações sócio-históricas.	<u>Objetivo:</u> agrupar disciplinas de fundamento sócio-histórico, científico e cultural visando à construção crítico - reflexiva do profissional em formação.
	<b>Núcleo-2:</b> estudos sobre a relação informação e sociedade	<u>Objetivo:</u> reunir disciplinas que possibilitem a reflexão entre informação, sociedade e cidadania.
	<b>Núcleo-1:</b> estudos sobre processamento e tecnologia da informação.	<u>Objetivo:</u> agregar saberes e práticas em torno do processamento da informação registrada em meios tradicionais e eletrônicos.

<b>EIXO II:</b> Construção das práticas profissionais	<b>Núcleo-2:</b> estudos sobre gestão e organização dos produtos e serviços informacionais.	<u>Objetivo:</u> reunir conteúdos que tratem do gerenciamento, organização de produtos e serviços informacionais em diferentes sistemas de informação.
<b>EIXO III:</b> Construção da prática de pesquisa e atividades profissionais	<b>Núcleo-1:</b> Investigação e práticas profissionais em Biblioteconomia.	<u>Objetivo:</u> agrupar conhecimentos teórico-práticos ao processo de investigação e ao exercício da profissão.
	<b>Núcleo-2:</b> Estudos complementares e de formação continuada	<u>Objetivo:</u> contextualizar ações que contribuam para a autonomia do profissional em formação, em interação com o meio social, político, científico e cultural.

Fonte: Projeto... (2006)

Pela atual estrutura curricular mostrada no (quadro 3), o estudo dessa temática no referido Curso, por ser um tema transversal, pode perfeitamente ser incorporado em todas as disciplinas que compõe o atual Currículo 30. E, de modo específico, disciplinas como: no eixo I, núcleo 1 - Antropologia, Sociologia e no núcleo 2 - Comunicação, Leitura e Formação de Leitores. Já no eixo II, núcleo 2 - Estudos de Usuários da Informação, Referência, Fontes de Informação, Política Editorial, Gestão de Bibliotecas Públicas e Escolares; Gestão de Bibliotecas Especializadas e Universitárias. E, finalmente no eixo III, núcleo 1 - as disciplinas Seminário de Monografia e Monografia. Evidentemente que algumas delas possuam menor relação com o conteúdo, mas, notadamente, Antropologia, Sociologia, Leitura e Formação de Leitores, Referência, Fontes de Informação, Gestão de Bibliotecas Públicas e Escolares e Gestão de Bibliotecas Especializadas e Universitárias, podem perfeitamente adequar seus conteúdos programáticos de modo que também tenham um foco voltado para essa temática que influencia a vivência cotidiana da sociedade local e precisa estar contemplada nesse processo da formação e na ação profissional do bibliotecário. Podendo ser explorado os diversos aspectos na elaboração de produtos e serviços.

Observa-se, no entanto, que, apesar de existirem alguns relacionamentos na estrutura curricular atual do Curso de Biblioteconomia da UFMA que remetem à ideia de que existe a fundamentação necessária para que haja o entrelaçamento acadêmico do curso com a cultura local (cuja importância considera-se aqui elementar para a prática de formação e vida profissional do bibliotecário), pouco ou quase nada de real se encontrou como tendo sido ou esteja sendo pesquisado e

explorado nesta linha pela prática acadêmica do curso. O que nos remete a sugerir, considerados a temática e os fundamentos desta pesquisa, que o curso adote em sua estrutura curricular uma nova dinâmica que possa associar à prática acadêmica que se exerce, o estudo dos elementos culturais informacionais que a cultura local tem produzido e faz sentido ao maranhense, haja vista o que consideram Conceição, Vetter e Sousa (2013, p. 5-7):

[...] a formação de um currículo de um curso de graduação deve levar em consideração o contexto sócio-histórico no qual a universidade está inserida. Isto é, deve envolver questões relativas a procedimentos, técnicas e métodos, mas também questões sociológicas, políticas e epistemológicas. [...] ultrapassando as barreiras paradigmáticas de cada uma, havendo reciprocidade nas trocas e enriquecimento mútuo.

Como visto, o currículo deve contemplar não só a dimensão educacional, mas também política, social e cultural. Estas, como dispositivo que enriquece ainda mais a formação do bibliotecário para o trabalho com informação. O que favorecerá ainda mais o relacionamento da universidade e o próprio Curso de Biblioteconomia da UFMA com a sociedade, promovendo a troca de saberes que enriqueçam a pesquisa e fortaleçam a constituição de um conhecimento novo condizente às necessidades sociais e econômicas, principalmente as regionais. E, para que estejam em sintonia com as diferentes culturas presentes no meio em que se encontram presentes. É próprio destacar que o Artigo 43º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no que tange às finalidades da educação superior instrui. *In verbis*:

I - **estimular a criação cultural** e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e **difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;**

IV - **promover a divulgação de conhecimentos culturais**, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - **suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional** e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à **difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural** e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. (BRASIL, 1996, grifo nosso).

Denota-se, portanto, que existe respaldo suficiente para que o Curso de Biblioteconomia da UFMA estimule o estudo e a investigação no âmbito dessa diversidade cultural regional, promovendo adequações de disciplinas, através dos conteúdos a serem abordados, condizentes principalmente com a realidade informacional local. Essas adequações ganham maior evidência e necessidade no contexto contemporâneo de identidade do bibliotecário como mediador cultural que, precisa ter domínio de saberes e dinâmica para atender as diferentes demandas. E para isso, conforme consideram Rasteli e Caldas (2017, p. 54):

[...] tal identidade de mediador cultural posiciona questões de formação que necessitam ser enfrentadas com urgência, uma vez que os currículos das escolas de biblioteconomia atualmente não vão nessa direção, ao persistirem numa formação estritamente técnica, distante sobremaneira, das necessidades reais do povo brasileiro.

E quanto à forma de relacionar a cultura popular no currículo do Curso de Biblioteconomia da UFMA, à nossa análise, não significa que deva haver mudança radical na sua atual estrutura curricular, uma vez que essa temática possui um caráter interdisciplinar e a sua abordagem pode compor o conteúdo programático de disciplinas que já existem em quase todos os núcleos que integram os três eixos do currículo atual que fundamenta a formação do bibliotecário sem, necessariamente, precisar que haja uma disciplina com nomenclatura específica como História da Cultura que nesta pesquisa observou-se já ter integrado currículos anteriores do Curso.

Há, portanto, elementos informacionais importantes que podem enriquecer a formação acadêmica e serem explorados profissionalmente pelo bibliotecário, que estão presentes em acervos de Museus, Arquivo Público, IPHAN, Associações e Centros Culturais, Bases de Dados Virtuais, etc., ambos registrados em diferentes formatos desde físicos àqueles pautados na oralidade, que contam e que podem recontar de outro modo a História local que conhecemos ou que ainda nem nos dispusemos a conhecer, que tratam sobre nossa cultura, na forma como ela se constrói ou naquilo que herdamos dos nossos antepassados. Esse acervo informacional que a cultura popular tem produzido no Maranhão e que permanece pouco explorado pela prática acadêmica na Biblioteconomia, merece ser considerado.

É necessário que haja uma mudança de postura dos professores (as) do Curso no sentido de articular a relação acadêmica com esses grupos e promover a discussão dessa temática em sala de aula envolvendo os discentes e os elementos dessa cultura como cantadores, autores, diretores de associações e demais indivíduos que são fontes vivas de conhecimento e informação.

Como sugestão, no Eixo I da estrutura curricular atual a disciplina Leitura e Formação de Leitores pode trabalhar possibilidades práticas como o uso de oficinas e de ação cultural sobre o bumba meu boi e ainda explorar mais o que está focado no contexto local sua produção e criação, como as diversas lendas maranhenses, tipo a de Catirina e Pai Francisco, que podem ser usadas em atividades como a hora do conto além de outras práticas escolares. No Eixo II, através da disciplina Fontes de Informação, o professor pode envidar visitas às instâncias sedes desses grupos, como associações, barracões, terreiros, etc. e desenvolver ações de estudo e pesquisa para que se conheça também essa realidade, enriqueça o aprendizado do aluno e o bibliotecário, na práxis, saiba conduzir ações que promovam a inclusão social dos mesmos. Na disciplina Seminário de Monografia, no Eixo III, além de apoiar projetos em que discentes contemplem essa temática, o professor deve ser um incentivador para que se explore o contexto local, buscando nichos onde a pesquisa acadêmica do Curso pouco tenha penetrado afim de que não só enriqueça o conhecimento do aluno, mas que agregue valor à práxis e a socialização da Biblioteconomia.

#### **4.1 Atuação e formação do bibliotecário**

A Biblioteconomia é uma área complexa e interdisciplinar. Portanto, o bibliotecário também precisa na sua formação obter competências e habilidades a âmbito da cultura local para saber atuar com as diferentes culturas e, no caso do bumba meu boi do Maranhão, saber extrair informações que favoreçam a promoção da inclusão e compreensão das questões sociais locais.

Sua atuação, neste milênio, exige nova dinâmica não somente por conta da ampliação do seu raio de ação a outras esferas onde a necessidade de mediação da informação aconteça mas, notadamente, porque o próprio ambiente da biblioteca mudou e passou a exigir desse profissional atitudes proativas para se adequar constantemente às novas conjunturas de uma sociedade cultural diversa onde,

segundo o que expressa o Manifesto da Biblioteca Multicultural IFLA/UNESCO, é a diversidade cultural ou multiculturalismo “a base de nossa força coletiva em nossas comunidades locais e em nossa sociedade global” e, ainda segundo o mesmo Manifesto:

[...] a cultura deve ser considerada como o conjunto de características espirituais, materiais, intelectuais e emocionais distintivas da sociedade ou de um grupo social, e que abrange, além da arte e literatura; estilos de vida, formas de convivência, sistemas de valores, tradições e crenças. (IFLA/UNESCO, 2009, s.p).

Assim, o bibliotecário, no âmbito da cultura popular, precisa conhecer mais para atuar no processo de inclusão social, identificar deficiências informacionais e buscar outras opções que possam dirimir as contradições e consequências que são atualmente impostas por fatores como políticas econômicas, o poder modelador da política internacional (globalização) e a de grupos de interesse locais que são comuns ao cenário brasileiro e maranhense.

De um modo geral, a formação acadêmica atual do bibliotecário baseia-se, em contexto maior, na estrutura curricular de um curso superior orientado por uma rede de princípios nacionais, com perfil conservador e elitista, aqui visto como um dos fatores que acaba interferindo de forma negativa no processo de socialização do fazer biblioteconômico que, permanece pouco compreendido e avaliado pela grande maioria da população, principalmente no contexto da cultura popular, onde sua práxis e incentivo à pesquisa acadêmica pouco têm penetrado.

Considera-se oportuno que, nessa nova conjuntura de enfrentamentos, onde a cultura popular sofre o embate desafiador do processo de globalização imperando fortemente sobre si, que a ação da Biblioteconomia, no que se refere à sua prática acadêmica e profissional seja, no âmbito da cultura popular, mais significativa, haja vista que o bibliotecário é um mediador de informação. E o exercício da mediação, Almeida Júnior; Bortolin (2007, p. 6), consideram como:

[...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural, individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

Desse modo, é salutar que o seu trabalho contribua para que os sujeitos, em igualdade de condições, possam ampliar suas visões de captar o mundo através do conhecimento que é produzido em diferentes esferas, sejam elas científicas ou

construídas nas práticas diversas de distintos grupos sociais. Que, no caso, o bibliotecário esteja consciente e preparado, sob diversos aspectos, como o que trata essa pesquisa, para atuar em prol da evolução social e cultural daquele que se encontra excluído da informação de que carece. E possa, pela expressão do seu trabalho como profissional da informação como pontuam Almeida Júnior; Bortolin (2007, p. 8), “ser entendido em uma outra esfera, em um outro estrato profissional, o daqueles que fazem história, são sujeitos na sociedade e participam efetivamente da construção do destino da humanidade.”

Assim, a universidade pública também é um patrimônio tal como o bumba meu boi do Maranhão e o contexto presente já demonstra que ela é ocupada por uma maioria de estudantes originários da classe social com menor poder aquisitivo e que é o berço da cultura popular, o que torna oportuno que os parâmetros de ensino favoreçam agora muito mais que antes o estudo e o conhecimento aprofundado de suas próprias características, da sua diversidade, da reflexão acerca de si, que lhes possibilite ter competência informacional para tratar sobre sua cultura. E, nesse contexto, o ensino da Biblioteconomia e sua práxis devem ter também esse olhar voltado para a cultura popular e contribuir muito mais para o estudo e um melhor conhecimento das questões socioculturais da região onde a mesma se estabelece, neste caso, o Estado do Maranhão.

É uma necessidade de sua profissão. O bibliotecário deve saber explorar as diversas fontes para bem difundir as informações culturais, haja vista que a sociedade, em qualquer grau de conhecimento, precisa ter fácil acesso às informações de si e do mundo, pois informação é um instrumento de poder e liberdade. E, nesse aspecto, para compreender a cultura e o sujeito local, faz-se necessário que, no processo de formação do bibliotecário, sejam desenvolvidas habilidades específicas para que este saiba lidar também com esse tipo de informação e promover ações que deem conta de propagar a diversidade e a riqueza cultural existente no Estado do Maranhão e contribuir para a redução da exclusão social e da carência de conhecimento sobre essa vertente cultural.

O bumba meu boi do Maranhão é um símbolo cultural que possui peculiaridades próprias e que historicamente tem contribuído para compor o perfil sociocultural do maranhense, servindo como elemento divulgador da cultura que se constrói na base popular de modo regionalizado, que dá sentido e identifica a forma de ser e de fazer do povo desse Estado.

## 4.2 O bumba meu boi como objeto de estudo e informação

O bumba meu boi, assim como se observa em outros segmentos da Cultura Popular, é rico de elementos linguísticos e expressões verbais de diferentes significados e diversos tipos que são comuns e necessários à vida cotidiana da sociedade local na qual se inclui. Seu modo de saber e fazer representa diferentes contextos que remontam a um passado vivido, mas que também consegue se adequar e se expressar com foco no contexto atual, através da construção participativa de todos os membros.

Apresenta-se como uma dança que preserva traços medievais, com características folclóricas e alegóricas, onde os integrantes contracenam com símbolos e lendas. Essa diversidade de expressões culturais revela a influência multicultural e simbólica na formação da sociedade maranhense, e na mobilização social alicerçada no estímulo à solidariedade e companheirismo que reforçam a formação de sua identidade, do saber, ser e crer.

Toda essa riqueza cultural feita pela construção coletiva ou mesmo individual de saberes que a cultura popular e, de forma específica, o bumba meu boi do Maranhão possui vem, portanto, despertando o interesse da pesquisa científica, através de diferentes abordagens, por diferentes Academias, como se observa no quadro 4 abaixo que é o mapeamento feito sobre o estudo do tema na base da BDTD - IBICT, 2005-2018, período temporal da pesquisa :

**Quadro 4 – Cultura popular e o bumba meu boi como objeto de estudo**

NUM.	TEMA / TÍTULO	AUTOR	UNIVERSIDADE	ANO
1	Mário de Andrade e a cultura popular brasileira	Vanessa Daufenback	Universidade Estadual Paulista	2008
2	Estatísticas culturais no nordeste: cultura popular e políticas públicas de desenvolvimento.	Luciane Dias de Azevedo	Universidade Federal de Sergipe	2010
3	O cordel no fogo cruzado da cultura	Vilma Mota Quintela	Universidade Federal da Bahia	2005
4	Cultura popular e nacionalidade no Brasil: tessituras, conflitos e cumplicidades.	Vanusa Mascarenhas Santos	Universidade Federal da Bahia	2013
5	Cultura popular e educação: cidadania e identidade na educação básica.	Robson Rüter Mendonça Santos	Universidade Federal do Maranhão	2011
6	Semear cultura, cultivar culturas populares, colher patrimônios: a gestão social da cultura popular às margens do Rio São Francisco no norte de Minas Gerais.	Alessandra Fonseca Leal	Universidade Federal de Uberlândia	2011
7	Movimento de educação e cultura popular no Brasil dos anos 1960:	Pablo Cruz Spinelli	Universidade Federal do Rio Gran	2015

	resistência desfeita		de do Norte	
8	Os museus de cultura popular de São Luís como espaços educativos: configurações e perspectivas para uma pedagogia do imaginário.	Monique de Oliveira Serra	Universidade federal do Maranhão	2012
9	A relação entre a cultura popular e a cultura erudita na obra sagarana, de Guimarães Rosa.	Luis Henrique Truzzi	Universidade Estadual Paulista	2007
10	Patativa do Assaré e a identidade sertaneja, oralidade, memória e religiosidade.	P. B. Leonardelli	Universidade Federal do Espírito Santo	2009
11	Cultura popular e poder político no maranhão: contradições e tensões do bumba meu boi no governo Roseana Sarney.	Gisélia Costa Silva	Universidade Federal do Maranhão	2008
12	Planeta de boieiros: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do bumba meu boi	Soraia Chung Saura	Universidade de São Paulo	2008
13	Bumba meu boi e suas manifestações urbanas: uma análise a partir dos estudos culturais	Lívia Cristina Toneto	Universidade de São Paulo	2014
14	As mediações no bumba meu boi do Maranhão: uma proposta metodológica de estudo das culturas populares	Letícia Conceição Martins Cardoso	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	2016
15	As toadas do bumba meu boi: sobre enunciados de um gênero discursivo	Joelina Maria da Silva Santos	Universidade Estadual Paulista	2011
16	Representação e imagens de si nas toadas de bumba meu boi	Ludmila Portela Gondim	Universidade de Brasília	2014
17	O teatro do boi do Maranhão: brincadeira, ritual, enredos, gestos e movimentos	Tácito Freire Borralho	Universidade de São Paulo	2012

Fonte: BDTD/IBICT. Elaborado pelo Autor (2018).

A parte em destaque (quadro 4) expõe as diferentes temáticas que são abordadas por pesquisadores, onde o bumba meu boi figura como objeto de estudo.

Silva (2008), na sua pesquisa, trata das relações de classe e da forma como na atualidade o estado capitalista promove uma relação mútua com a cultura popular visando manter o controle social e político.

Já Saura (2008) aborda a questão fenomenológica da imaginação material e da educação de sensibilidade, evidenciando a trama mítica no caminho do imaginário e o fenômeno popular sobre o aspecto dinâmico e atemporal.

Por sua vez, Santos (2011) serve-se do estudo da linguagem humana para analisar as toadas do bumba meu boi do Maranhão enquanto gênero discursivo e a forma como se dialoga com o contexto histórico, político e cultural.

Em sua pesquisa, Toneto (2014) procura compreender a encenação do folguedo do boi, exibida no Morro do Querosene na cidade de São Paulo, pelo grupo Cupuaçu, que se inspirou no bumba meu boi do Estado Maranhão, local de origem

de muitos dos brincantes e, analisa a relação de identidade deles com a sua terra natal, por essa manifestação. Procura ainda delimitar a compreensão de identidade na ótica dos estudos culturais.

Borrvalho (2012) refere o bumba meu boi já como uma fonte de pesquisa usada pela Antropologia e Sociologia e aponta, na pesquisa, vários de seus aspectos enquanto objeto de estudo, como os da organização social ou das diferentes estruturas organizacionais do boi como brincadeira, ritual, espetáculo e componentes teatrais, com características do teatro de animação, que se apresenta com técnicas mistas e ainda do teatro ritualístico, com encenações que dialogam com outras linguagens artísticas.

Gondim (2014) considera relevante o aspecto das toadas do bumba meu boi, 'ricas de sentido' e fornecedoras de elementos que favorecem a compreensão de universos diferenciados, serem de autoria de sujeitos simples e distantes da cultura erudita, fato que corrobora parte da ideia que aqui se aborda, ou seja: que mesmo estando distante e alheio a parâmetros eruditizados o indivíduo, de certa forma, se apropria de conhecimento e faz sentido da realidade lendo o mundo no qual se encontra, refletindo com seu meio natural e com os elementos da sua tradicional cultura.

Cardoso (2016) baseia-se na teoria das mediações e procura compreender como se produz a manifestação popular do bumba meu boi do Maranhão. Seu objeto de estudo foi o tradicional bumba meu boi de Maracanã na zona rural de São Luis - MA, onde buscou identificar todo o seu processo comunicativo, da produção até o consumo. Isso demonstra como essa expressão da cultura popular presta-se de forma interdisciplinar ao estudo científico e precisa ser explorada como objeto de estudo e fonte informacional a que também devem recorrer os professores do curso e os graduandos de Biblioteconomia da UFMA, dada a sua relevância como elemento simbólico significativo e representativo do modo de ser e fazer do sujeito local que, no caso específico do Maranhão, já está caracterizado como maranhensidade.

Observa-se, portanto, pela exemplificação desses estudos, que existem diversos elementos na cultura popular, de forma específica, no bumba meu boi do Maranhão, que são relevantes ao estudo científico principalmente para o meio acadêmico local como um todo.

Essa condição, quase não tem sido explorada pelo Curso de

Biblioteconomia da UFMA, visto que não apresenta em sua estrutura curricular, de forma específica, um horizonte nesse aspecto, apesar da diversidade e importância dessa cultura. Ressalte-se que ela influencia a vida das pessoas no ambiente regional e local, além da necessidade de bem informar para poder preservar, principalmente no atual contexto globalizado, considerando-se o papel social que deve ter o bibliotecário neste aspecto.

Ressalte-se aqui o fato de que dos 14 (catorze) trabalhos listados nessa pesquisa com abordagem para a temática, tenha despertado o interesse principalmente de pesquisadores ligados a instituições de outros Estados. Inclusive, Instituições de renomada conceituação, a citar a Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e, somente 3 (três) trabalhos do Maranhão através da UFMA, o que serve de estímulo para que a pesquisa científica desenvolvida, em nível local, por professores e acadêmicos do Curso também se volte para o estudo dessa temática e contribua para o conhecimento, a preservação e o resgate daquilo que por essência faz parte da sociedade na qual eles também estão inclusos.

Enfatize-se ainda que, da análise exploratória feita no repositório monográfico do Curso de Biblioteconomia da UFMA, pelo interesse desta pesquisa, mostrou que, em apenas um trabalho monográfico, a temática aqui abordada foi usada como objeto de pesquisa e estudo, onde no ano 2011 a pesquisadora Nilza Brandão Alencar se dedicou a investigar o bumba meu boi da Maioba como fonte de pesquisa histórica para a cidade de São Luís – MA. E, no âmbito da pós-graduação de docentes do Curso, a tese de doutorado da Profa. Valdirene Pereira da Conceição, também em 2011, que apresentou um estudo exploratório da ancoragem ontológica do léxico do domínio conceitual patrimônio cultural de São Luís do Maranhão, elencando o vocabulário/terminologia específica do bumba meu boi.

Esses fatos evidenciam que há um nicho informacional importante para o qual o Curso, em sua dinâmica acadêmica, muito pouco tem se voltado. E, por este aspecto, tem deixado de conhecer para melhor preparar aquele que irá mediar os processos que delimitarão o uso ou o desuso da informação produzida no contexto de sua própria história, isso numa perspectiva de dar a ela voz ou do contrário emudecê-la.

E, caso aconteça a prevalência deste último, validar-se-á um processo global que unifica, substitui ou modifica aquilo que existe de melhor, isto é, todo o conhecimento e costumes presentes na cultura de um povo que por não ser devidamente estudada, explorada e valorizada possa, enfim, vir a se perder.

Considera-se assim a necessidade de se adequar o conteúdo programático de disciplinas do curso, relacionadas com essa temática, de fundamentos que promovam a discussão e a pesquisa, aproximando mais o seu conteúdo da realidade que se expressa no contexto da cultura regional, haja vista que, conforme retrata a ementa abaixo relacionada, da disciplina Antropologia (quadro 5), se evidencia uma abordagem terminológica muito generalista do estudo antropológico pela noção de cultura, o que acaba na realidade por não contemplar o estudo do sujeito local em suas práticas e ações socioculturais, nas discussões do ambiente acadêmico do Curso de Biblioteconomia da UFMA. Que, por esta ótica, tem deixado de usar essas fontes e aprofundar o estudo sobre o conhecimento histórico que se desenvolve no âmbito dessa temática no contexto regional.

**Quadro 5** – Programa da disciplina Antropologia

Disciplina	Ementa	Conteúdo Programático
1668-8 Antropologia (Serviço Social)	Definição e divisões da Antropologia. Relações com outras ciências. Método e abordagem antropológicos. História da Antropologia. Conceito antropológico de cultura. Raça, cultura e etnia. Etnocentrismo e relativismo cultural	<p><u>Unidade I- Antropologia: objeto e método</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Algumas categorias em antropologia: cultura, identidade étnica, diversidade e relativismo cultural.</li> </ul> <p><u>Unidade III- O conceito antropológico de cultura</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A “natureza” da cultura</li> <li>✓ Como opera a cultura</li> <li>✓ Diversidade étnica e relativismo cultural</li> </ul> <p><u>Unidade IV- Multiculturalismo e políticas públicas no Brasil</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Definindo multiculturalismo.</li> </ul>

Fonte: Projeto... (2006) – Quadro Autor (2018).

### 4.3 Aspectos socioculturais do bumba meu boi na *práxis* bibliotecária

A própria compreensão da *práxis* bibliotecária, que segundo Targino (1997, p. 26), “[...] refere-se às ações engendradas pelos profissionais de informação direcionadas ao crescimento e desenvolvimento humano, haja vista que o valor da *práxis* reside na sua função social”, tem uma relação intrínseca com teoria versus prática, imprescindíveis à elaboração do produto cultural que permite a evolução

histórica do homem. Por isso, os aspectos socioculturais do bumba meu boi do Maranhão, um símbolo carregado de informações da cultura popular local, se constituem uma fonte importante à análise e interpretação racional tanto para a formação quanto para o fazer biblioteconômico em diferentes perspectivas, como a de favorecer a relação e a ação do bibliotecário nos diversos ambientes sociais em que atua, tornando assim valorosa, mais evidente e necessária a sua ação.

O processo pelo qual a Biblioteconomia organiza e difunde o conhecimento produzido pela humanidade possui características próprias que fundamentam a *práxis* bibliotecária. Sobre isso, Targino (1997, p.28), considera que “[...] esse processo de organização e disseminação não existe fora do contexto social em que se insere [...]”, o que remete à nossa reflexão de que é imprescindível que se estude e considere os elementos culturais fazedores de sentido que são próprios do contexto em que o bibliotecário atua, como no caso do Maranhão, onde o bumba meu boi e as demais expressões da cultura popular regional, a sua produção e representação influenciam o cenário cultural, econômico e informacional desse Estado.

Este aspecto precisa ser considerado como objeto de estudo e pesquisa para a Biblioteconomia no processo de formação do bibliotecário, haja vista que a atividade laboral desse profissional está imersa nesse cenário. Vale destacar, a importância dada aos estudos sobre essa temática que, está reiterada no documento de solicitação de registro do Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão como Patrimônio Cultural Brasileiro:

[...] o estudo de manifestações da cultura popular tem permitido maior entendimento sobre a formação do povo brasileiro. Neste caso, além das pesquisas antropológicas e etnográficas já realizadas, temos todo um campo aberto à sociologia urbana que pode ser tratada à partir da trajetória do bumba meu boi , em decorrência da sua grande vascularização e presença em todas as camadas da sociedade.

Os estudos como o do bumba meu boi e a busca de suas origens permitem-nos também lançar outro olhar sobre a evolução social do país. É o resultado de um modelo de economia baseado na mão de obra escrava, no latifúndio e na exportação em massa de produtos agrícolas e da pecuária, que se reproduziu de norte a sul do país nos tempos da colônia e império, originando as profundas contradições da concentração da riqueza, que por um lado nos legou a herança secular de uma rica cultura e grandes conjuntos arquitetônicos dignos de serem reconhecidos como patrimônio da humanidade, mas também os grandes contingentes de populações que ainda hoje subsistem à margem do progresso.

Permite-nos ainda identificar as estratégias criativas das classes desfavorecidas pelo regime colonialista e escravocrata (IPHAN, 2011, p. 11).

Desse modo, o bumba meu boi do Maranhão se destaca, sendo visto como um elemento cultural dinâmico e informacional que representa não apenas uma brincadeira junina, mas que dá sentido e que circula em outros contextos sociais distintos do festivo, refletindo as relações sociais por diferentes significados: seja como figura de adorno para o corpo, a parede da casa, o carro, o acervo de museus, de alegorias teatrais, tema de literatura, enredos diversos, etc. O bumba meu boi do Maranhão integra, é personagem, é cantiga, é dança, é um instrumento, é artefato, enfim o boi é diversidade. E, sobre diferentes aspectos, possui essa riqueza informacional incontestável que o bibliotecário não pode ficar alheio do seu conhecimento para poder bem informar e agregar valor ao saber biblioteconômico para que, assim como o povo da terra, a Biblioteconomia no Maranhão também possa se vestir de fato desta maranhensidade.

O bumba meu boi em seu ritual possui elementos que simbolizam traços de história, cultura e memória, os quais podem ser observados na ligação que existe e na forma como se assemelham aos rituais da religiosidade católica que se expressam pela fé e pelas promessas, ou no batismo do boi, no figurino dos brincantes, no bordado que compõe o couro do boi, nas mensagens de louvação que inspiram algumas de suas toadas tiradas a cada ano e, de um modo geral, na forma como se relaciona na devoção aos santos, mostrada na figura 10, dentre eles São João, São Pedro e São Marçal.

Figura 10 – **Boi de Maracanã: louvação na Capela de São Pedro**



Fonte: Autor (2018).

O bumba meu boi carrega ainda elementos em que se denota a vivência coletiva, reforçando os laços de solidariedade, o modo como o povo pensa e

apreende o ambiente em que vive, os seus estilos de brincar, as danças, as performances dramáticas, a forma de compor artesanatos e ofícios, o caráter lúdico. Enfim, o bumba meu boi articula várias formas de expressão e saberes de um povo e conserva valores, mesmo estando sujeito às mudanças que são comuns em todo processo histórico. Por isso, também se modifica e se recria em algumas de suas práticas para se adequar àquilo que dita cada tempo sem, no entanto, perder o seu valor simbólico, de contribuir para a construção da identidade social e cultural. E, como acontece no ritual que caracteriza o seu próprio auto, o bumba meu boi renasce numa metamorfose temporal, que é necessária à sua adequação e sobrevivência a diferentes contextos.

## 5 CONCLUSÃO

O conceito de universidade, em sua essência, se afirma através da tríade ensino, pesquisa e extensão. E o ambiente geográfico, no qual ela se instala (bairro, cidade, estado), é o local adequado para que aconteça o seu enlace com a sociedade através dessa tríade, no sentido de que os sujeitos diversos que esse meio integra, dela se sirvam e a ela sirvam pela troca de saberes e enriquecimento mútuo entre eles, que permita sua evolução valorizando seu modo de vida e principalmente a cultura de cada um.

No Maranhão e, de forma muito particular na cidade de São Luis, há um tesouro a ser preservado, estudado e de modo viável explorado, que é a diversidade cultural historicamente presente e cultuada pelo seu povo. Trata-se do bumba meu boi, símbolo maior de sua cultura, que possui estilo e significado próprio. Isto provoca envolvimento social, que encanta e até em lenda se encanta e se transforma, mas que mantém sua essência e sobrevive no tempo a provocar sentido e a dar gosto, ao modo natural e particular de ser, de se divertir e criar desse povo, cujo traço é próprio, tem raízes numa tradição hereditária secular que se renova e serve como elemento agregador do pertencer do maranhense.

Neste sentido, esta pesquisa objetivou analisar o potencial simbólico e informacional do bumba meu boi, enquanto unidade de sentido necessária ao processo de formação do bibliotecário na UFMA, cujos questionamentos da pesquisa buscaram compreender: até que ponto o bumba meu boi é trabalhado enquanto símbolo da cultura popular e recurso informacional no Curso de Biblioteconomia da UFMA; como o domínio bumba meu boi pode contribuir para a aproximação entre a cultura popular e o Curso de Biblioteconomia da UFMA. E quais os elementos do bumba meu boi que podem ser trabalhados nas diversas disciplinas do Curso.

Inseridos nesse contexto, a Biblioteconomia e o bibliotecário em suas práticas de ensino científico, formação profissional e exercício profissional, podem e devem se aproveitar da riqueza cultural desse ambiente que lhes está tão favorável, incorporando-a mais às ações de formação acadêmica do Curso para melhor conhecer e poder bem informar a sociedade, a fim de que esta saiba preservar melhor sua cultura e valorizar toda essa diversidade cultural maranhense.

Observou-se com base nos registros documentais que tratam dessa

temática e acessados por esta pesquisa que, de um modo geral, a resistência popular tem sido o balaústre que dá suporte e mantém viva a cultura desses grupos. Os quais foram ou ainda estão subjugados quanto a sua expressão de valor devido ao caráter discriminatório sempre presente nos processos históricos desse Estado e do Brasil.

Observou-se ainda, que já existem teses e dissertações na área da Antropologia e Sociologia que tratam de abordagens sobre o bumba meu boi e, por este aspecto, já deveriam compor o conteúdo que é ministrado por essas disciplinas no Curso de Biblioteconomia da UFMA, dada a sua relevância para o contexto local e sua necessidade à formação do bibliotecário.

Como resposta ao paradigma advindo da minha incompreensão com esse olhar de insignificância àquilo que expressa a cultura popular, o sentido que faz, o valor simbólico que possui e o conhecimento que produz, foi possível apreender pelas leituras feitas de teorias fundamentadas por outros pares e nas reflexões por elas motivadas durante esta pesquisa que, um conhecimento mesmo verdadeiro para se tornar usual nos mais diversos segmentos, inclusive os de formação profissional, depende e muito das relações sociais que se estabelecem por diferentes entrelaçamentos que são as relações de poder. E que devido a esse entrelaçamento, principalmente na sociedade capitalista em que se vive, há fontes fidedignas que permanecem em desuso, ou silenciadas ou desqualificadas. Isso por não ser interessante, às vezes, a uma estrutura dominante e detentora de forças monopolizadoras com poder de decisão, valorizá-las. Afere-se, portanto, que aquelas fontes oriundas de grupos ou culturas excluídas, assim como o bumba meu boi em outros tempos, precisarão de um processo permanente de luta para sua autoafirmação e valorização. É no estudo e envolvimento consistente com esse tipo de processos que a pesquisa acadêmica do Curso de Biblioteconomia e a ação do bibliotecário também precisa se envolver e está apta para saber interagir.

Percebeu-se que a ação desenvolvida pelo Curso de Biblioteconomia da UFMA, para que a formação do bibliotecário esteja entrelaçada com o estudo e a pesquisa dos saberes e fazeres da cultura popular, de modo específico a maranhense, ainda é conservadora elitista ocidental e demonstra-se de pouca expressividade.

Observou-se que, no cenário da cultura popular, amplo é o campo e necessário é o olhar e a ação prática e política do bibliotecário no sentido de

favorecer a produção, a organização e a circulação da informação nela gerada, por meio da pesquisa, da divulgação e da participação em eventos dos elementos fazedores dessa cultura. E, do conhecimento por eles construído, a fim de valorizá-los e contribuir para o equilíbrio de forças, muitas vezes subentendidas, que se estabelecem nas relações de luta pelo poder, como o de serem reconhecidos, para que assim também possam afirmar o seu saber e se firmarem no seio da sociedade, onde a expressão do conhecimento erudito tem historicamente desqualificado o popular.

Conclui-se, assim, esta monografia, cuja intenção foi expor a importância de elementos da cultura popular como fonte de informação e a necessidade de exploração dessa tratativa pela pesquisa acadêmica do Curso de Biblioteconomia da UFMA, e a introdução da temática sobre os estudos culturais de modo regionalizado em disciplinas da estrutura curricular do Curso, para que o bibliotecário amplie o seu horizonte de conhecimento e tenha na sua formação o embasamento necessário para saber entrelaçar ciência, tecnologia, cultura e atuar com segurança e domínio também em meio a essa diversidade de elementos culturais que existem no Maranhão e no Brasil.

Espera-se que essa temática se desdobre em discussões e novas pesquisas no ambiente da Biblioteconomia. Que contemple principalmente o contexto sociocultural maranhense e sirva para dar voz aos elementos que permanecem excluídos e valor ao conhecimento por estes construído. Destarte, o bumba meu boi do Maranhão que, no contexto da cultura popular, representa apenas um dentre tantos fazeres culturais ricos de simbologia desse ambiente multicultural.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco; BORTOLIN, Sueli. Mediação da informação e da leitura. In: **II Seminário em Ciência da Informação**. Londrina: UEL, 2007. Disponível em: < <http://eprints.rclis.org/13269/>>. Acesso em: 02. Jul. 2018.

ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Sinopse biográfica. **Jornal da Poesia**, 2006. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/anton.html#inicio>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

BARRIO, Angel-B. Espina. **Manual de Antropologia Cultural**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2005.

BOI DE MARACANÃ. Todas as fotos. In: **Facebook**, 2017. Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/boidemaracana/photos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/boidemaracana/photos/?ref=page_internal)>. Acesso em: 02 fev. 2018.

BORRALHO, Tácito Freire. **O teatro do boi do maranhão**: brincadeira, ritual, enredos, gestos e movimentos. 2012. 227 f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP\\_f6035d2c01ae23174f56db86db0c70f2](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_f6035d2c01ae23174f56db86db0c70f2)>. Acesso em: 02 fev. 2018.

BRASIL. Leis e Decretos. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: DOU, 23 dez.1996. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/LF9394\\_96.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/LF9394_96.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2018.

CARDOSO, Leticia Conceição Martins. Processos de construção do imaginário no bumba meu boi do Maranhão. **Alceu**, Rio de Janeiro: PUC, v. 16, n.31, p. 114 -130, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.pucRio.br/media/alceu%2031%20pp%20114-130.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. **As mediações no bumba meu boi do Maranhão**: uma proposta metodológica de estudo das culturas populares. PUC-RS, 2016. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/P\\_RS\\_ea0625d9782524042e08008c4aa3218c](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/P_RS_ea0625d9782524042e08008c4aa3218c)>. Acesso em: 06 fev. 2018.

COELHO, Leudson da Silva; ALENCAR, Márcia Oliveira de. Bumba meu boi: manifestação cultural do estado do Maranhão como produto folkmidático. **Temática**. João Pessoa: NAMID/UFPB, ano XI, n. 04 Abr. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/viewFile/23905/13108>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

CONCEIÇÃO, Valdirene Pereira da; VETTER, Silvana Maria de Jesus; COSTA, Maurício José Moraes. A catalogação nos currículos do curso de biblioteconomia do Maranhão. In: IX EIC / II ENAC. **Anais...** Rio de Janeiro: FBNB, 2013. Disponível em:

<<http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/eic-enacat/eic-enacat/paper/viewFile/35/38>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

CONCEIÇÃO, Valdirene Pereira da. **Modelagem léxico-ontológica do domínio patrimônio cultural de São Luís do Maranhão**. 2011. 189 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103569>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. **História**. São Paulo, v.30, n.2, p. 401-419, ago./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v30n2/a19v30n2.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

FARIAS, Gabriela Belmont de. **Competência em informação no ensino de biblioteconomia**: por uma aprendizagem significativa e criativa. 2014. 183 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/110383>>. Acesso em: 10 maio 2018.

FERREIRA Jr., Amarildo. (Org.). Educação Jesuítica no mundo colonial ibérico (1549-1768). **Em Aberto**. Brasília, v. 21 n. 78, p. 9-10, dez./2007. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485895/Educa%C3%A7%C3%A3o+jesu%C3%ADtica+no+mundo+colonial+Ib%C3%A9rico+%2815491768%29/618228b9-1180-4087-910a-f9a17ab521ba?version=1.3>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005. 295 p.

FREITAS, Ernani César de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas? In: \_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Cap. 4. p. 44-57.

GONDIM, Ludmila Portela. **Representação e imagens de si nas toadas de bumba meu boi**. 2014. 138 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_09c6bf7037f9bc6c32d76c528f7bcb78](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_09c6bf7037f9bc6c32d76c528f7bcb78)>. Acesso em: 03 fev. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 104 p.

IFLA/UNESCO. **Manifesto da biblioteca multicultural**. 2009. Disponível em: <<http://www.ifla.org/node/8976>>. Acesso em: 11 maio 2018.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN.

**Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão:** dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil. São Luís: IPHAN/MA, 2011. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_bumba\\_meu\\_boi\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi(1).pdf)>. Acesso em: 21 fev. 2018.

LIMA, Zelinda Machado de Castro. Comissão Maranhense de Folclore. **Boletim n.26.** São Luis - MA, ago./2003. Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/arquivos/0eb5cdb12fd7566a16925b7b9fd45104.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PORTO, Cristiane de Magalhães. **Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica.** Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/y7fvr/pdf/porto-9788523211813-06.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

PROJETO político-pedagógico do Curso de Biblioteconomia. São Luis: UFMA, 2006.

RASTELI, Alessandro; CALDAS, Rosângela Formentini. Mediação cultural na biblioteca pública para a cultura de paz e integração social. **REBECIN**, v.4, n.2., p.44-57, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://abecin.org.br/portalderevistas/index.php/rebecin>>. Acesso em: 11 maio 2018.

ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. **Mediações.** v. 14, n.1, p. 218-236, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediações/article/viewFile/3358/2741>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

SANTOS, Joelina Maria da Silva. **As toadas do bumba meu boi:** sobre enunciados de um gênero discursivo. 2011. 268 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103563>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

SAURA, Soraia Chung. **Planeta de boieiros:** culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do bumba meu boi. 2008. 475 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP\\_da6b175683e1fbf44c45a75d2bc38dc8](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_da6b175683e1fbf44c45a75d2bc38dc8)>. Acesso em: 08 fev. 2018.

SECULT SÃO LUÍS. Todas as fotos. In: **Facebook**, 2017. Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/secultsaoluis/photos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/secultsaoluis/photos/?ref=page_internal)>. Acesso em: 08 fev. 2018.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da; FERREIRA, Carla Georgea Silva. Estreitando fronteiras: territorialidade e identidade no bumba meu boi do Maranhão. In: XXVI REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA NAÇÃO E CIDADANIA. **Anais....** 2008. CD-ROM. Disponível em:

<[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalhos/GT%2013/carlos%20benedito%20r%20da%20silva.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2013/carlos%20benedito%20r%20da%20silva.pdf)>. Acesso em: 22 fev. 2018.

SILVA, Gisélia Costa. **Cultura popular e poder político no maranhão: contradições e tensões do bumba meu boi no governo Roseana Sarney**. UFMA, 2008. Disponível em: <<http://tedebc.ufma.br:8080/jspui/handle/tede/818>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

SILVA, Paulo Sérgio da, Patrimônio cultural imaterial: conceito e instrumentos legais de tutela na atual ordem jurídica brasileira. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. **Anais...**, São Paulo, jul. 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312573747\\_ARQUIVO\\_Patrimonio\\_cultural\\_imaterial.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312573747_ARQUIVO_Patrimonio_cultural_imaterial.pdf)>. Acesso em: 07 fev. 2018.

SOUZA, Arão de Azevedo. Debates sobre cultura, cultura popular, cultura erudita e cultura de massa. In: **INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO; XII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE**. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1573-1.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

TARGINO, Maria das Graças. Práxis bibliotecária. **Inf. & Soc.** v. 7, n. 1, p. 26-33, jan./dez. 1997.

TONETO, Livia Cristina. **Bumba meu boi e suas manifestações urbanas: uma análise a partir dos estudos culturais**. USP, 2014. Disponível em: <[http://btd.ibict.br/vufind/Record/USP\\_24a493d92d1838668dc7351194aae4fd](http://btd.ibict.br/vufind/Record/USP_24a493d92d1838668dc7351194aae4fd)>. Acesso em: 12 fev. 2018.

**APÊNDICE - DISCIPLINAS NO CURRÍCULO DE BIBLIOTECONOMIA QUE TRATAM SOBRE CULTURA**

DISCIPLINA	EMENTA	OBJETIVO	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
1668-8 Antropologia (Serviço Social)	Definição e divisões da Antropologia. Relações com outras ciências. Método e abordagem antropológicos. História da Antropologia. Conceito antropológico de cultura. Raça, cultura e etnia. Etnocentrismo e relativismo cultural.	Compreender a teoria e prática da Antropologia, de maneira a permitir que os alunos possam desenvolver análises específicas sobre questões relativas à diversidade cultural humana. Perceber a importância da pesquisa de campo na investigação antropológica. Promover diálogo entre a Antropologia e questões ligadas ao Serviço Social, como a desigualdade e diferença social e cultural, relações étnicas e de gênero, questões relacionadas aos Direitos Humanos numa perspectiva relativista.	<p><u>Unidade I- Antropologia: objeto e método</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Algumas categorias em antropologia: cultura, identidade étnica, diversidade e relativismo cultural.</li> </ul> <p><u>Unidade III- O conceito antropológico de cultura</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A "natureza" da cultura</li> <li>✓ Como opera a cultura</li> <li>✓ Diversidade étnica e relativismo cultural</li> </ul> <p><u>Unidade IV- Multiculturalismo e políticas públicas no Brasil</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Definindo multiculturalismo.</li> </ul>
Gestão de bibliotecas públicas e escolares	Biblioteca. Educação e sociedade. Bibliotecas públicas, escolares e infantis: conceito, funções, objetivos e estrutura. Características e necessidades das comunidades. Tipos de serviços e produtos. Biblioteca e ação cultural. O bibliotecário e suas funções. Divulgação e promoção da biblioteca. Padrões. Política nacional de bibliotecas públicas e escolares. Avaliação de serviços e produtos.	Refletir a partir das diferentes correntes de pensamento o sentido de biblioteca e sua dimensão social, política e educativa analisando as características e necessidades das bibliotecas públicas e escolares, o papel do bibliotecário e as políticas públicas implementadas neste campo no Brasil e no Maranhão.	<p>Unidade I- Estado, sociedade e políticas públicas voltadas para as bibliotecas públicas, escolares e infantis.</p> <p>Item 1.4 - Direitos culturais como direitos humanos: as bibliotecas e a leitura.</p>

Fonte: Projeto... (2006). Quadro Autor (2018).

## ANEXO - EIXOS/NÚCLEOS/DISCIPLINAS/CARGA HORÁRIA

EIXOS E NÚCLEOS	DISCIPLINAS INTEGRANTES	CH
<p><b>Eixo I: Biblioteconomia e Ciências Interdisciplinares</b></p> <p><b>Núcleo 1:</b> Estudos sobre o pensamento científico e as relações sócio-históricas.</p>	Filosofia Antropologia Sociologia Fundamentos de Linguística História do Livro e das Bibliotecas Inglês I Inglês II Lógica Metodologia Científica <b>Total</b>	60 60 60 60 60 60 60 60 60 <b>540h</b>
<p><b>Núcleo 2:</b> Estudos sobre a relação Informação e Sociedade</p>	Comunicação Fundamentos de Biblioteconomia Princípios de Ciência da Informação Leitura e Formação de Leitores <b>Total</b>	60 60 60 60 <b>300h</b>
<p><b>Eixo II: Construção das práticas profissionais</b></p> <p><b>Núcleo 1:</b> Estudos sobre Processamento e Tecnologia da Informação</p>	Elementos de Informática Tecnologias e Gerenciamento da Informação Automação de Unidades de Informação Análise Temática da Informação Representação Descritiva I Representação Descritiva II Linguagem Documentária I Linguagem Documentária II Linguagem Documentária III Controle dos Registros do Conhecimento Normalização Documentária <b>Total</b>	60 60 60 60 60 60 60 60 60 60 60 <b>660h</b>
<p><b>Núcleo 2:</b> Estudos sobre Gestão e Organização dos Produtos e Serviços Informacionais</p>	Teorias de Administração Organização de Unidades de Informação Estudo de Usuários da Informação Planejamento em Unidades de Informação Psicologia Organizacional e do Trabalho Política Editorial Referência Formação e Desenvolvimento de Coleções Marketing em Unidades de Informação Fontes de Informação Arquivística Gestão de Bibliotecas Especializadas e Universitárias Gestão de Bibliotecas Públicas e Escolares	60 60 60 60 60 60 60 60 60 60 60 60 60 780h
<p><b>Eixo III: Construção da prática de pesquisa e atividades profissionais</b></p> <p><b>Núcleo 1:</b> Investigação e práticas profissionais em Biblioteconomia.</p>	Metodologia do Trabalho Científico Estatística Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação Seminário de Monografia Monografia	60 60 60 30 60
	Estágio Curricular I Estágio Curricular II <b>Total</b>	135 135 <b>540 h</b>
<p><b>Núcleo 2:</b> Estudos complementares e de formação continuada</p>	Atividades complementares <b>Total</b>	90 <b>90 h</b>

Fonte: Projeto... (2006).